



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Sónia Antunes dos Santos

Comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados: a relação com o grupo de amigos.



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Sónia Antunes dos Santos

**Comparação das redes sociais pessoais
de jovens institucionalizados e não
institucionalizados: a relação com o
grupo de amigos.**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Paula Cristina Marques Martins

Outubro de 2012

**DECLARAÇÃO RELATIVA AO DEPÓSITO DA DISSERTAÇÃO NO
REPOSITORIUM**

Nome: Sónia Antunes dos Santos

Endereço Electrónico: a49003@alunos.uminho.pt

N.º do Bilhete de Identidade: 13225493

Título da Tese de Mestrado: Comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados: a relação com o grupo de amigos.

Orientadora: Doutora Paula Cristina Marques Martins

Ano de conclusão: 2012

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia - Área de Especialização em Psicologia da Justiça

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 19, de Outubro de 2012.

Assinatura: _____

Agradecimentos

Este trabalho representa o final de uma etapa, o término de um percurso académico e o início de algo ainda desconhecido... E para chegar onde estou hoje, para percorrer da melhor forma este caminho, tive o apoio (emocional, financeiro, instrumental, técnico, de aconselhamento, de acesso a novos contactos, de companhia e regulação social) a ajuda e o



incentivo de muitas pessoas, sem as quais teria sido difícil alcançar os objetivos a que me propus. Assim sendo, aproveito esta oportunidade para lhes mostrar a minha gratidão, consciente de que nem todas as palavras do mundo são suficientes para lhes agradecer...

À minha orientadora, Dra. Paula Cristina, pela oportunidade, pela motivação e pela inspiração...

Aos jovens que participaram neste estudo, por me permitirem entrar no seu mundo e por me fornecerem as pedras para construir este castelo...

À D. Marly, ao Sr. António e à Michelle, pela maneira que me acolheram, pelo apoio e principalmente pela guarida...

Às minha meninas, Su, Tânia, Dani, Marta, Magda, Cláudia, Carla e Leo, simplesmente, porque em vocês encontro o verdadeiro e mais puro significado da palavra "amizade"...

Ao Yuri, por tudo e mais alguma coisa, pelo incentivo, pela paciência, pelas palavras e ações, pelo companheirismo e pelos muitos "tem calma, tudo se resolve"...

À Tita e à Carol, por serem as minhas almas gémeas, por tudo o que já partilhamos, por saber que posso, sempre, contar convosco e porque são um pedaço de mim...

Aos meus pais por acreditarem em mim, mesmo quando era difícil, ao meu irmão por já não saber viver sem os nossos arrufos e às minhas avós pelo carinho sem medida...

Comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados: a relação com o grupo de amigos.

Sónia Antunes dos Santos
Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins

Resumo

Esta dissertação tem como objetivos gerais o estudo e comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e de jovens não institucionalizadas, com maior incidência nas relações com os amigos, uma vez ser este o vínculo social mais predominante nesta faixa etária. Deste modo, procurando dar resposta a tais propósitos, formularam-se os seguintes objetivos específicos: a) caracterização das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e não institucionalizadas; b) comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e não institucionalizadas e c) avaliação da perceção de satisfação e da dinâmica relacional dos jovens com o grupo de amigos.

A amostra foi constituída por um total de 50 jovens, distribuídas uniformemente em dois grupos: Grupo 1 - Jovens Institucionalizadas e Grupo 2 Jovens não Institucionalizadas. Como instrumentos de recolha de dados, foram utilizados o Inventário de Análise da Rede Social Pessoal - Revisto, o Mapa de Rede Social Pessoal e um Questionário sobre as Relações com os Amigos (questionário desenhado e construído para responder, exclusivamente, aos propósitos do presente estudo).

As principais conclusões apontam para que, a) - as redes sociais pessoais das jovens institucionalizadas sejam médias, coesas, com uma predominância para a inclusão de familiares, amigos e profissionais da instituição, caracterizada por níveis elevados de multidimensionalidade e reciprocidade; b) - as redes sociais pessoais das jovens não institucionalizadas seguem exatamente a mesma tendência, com exceção de serem consideradas redes pequenas; c) - em termos comparativos não existem muitas diferenças entre os grupos, a não ser em termos de tamanho e dispersão e d) - no conto geral as adolescentes fazem uma avaliação satisfatória da sua relação com os amigos, apresentando uma dinâmica relacional pautada pela mutualidade e heterogeneidade.

Mestrado Integrado em Psicologia da Universidade do Minho
Área de Especialização de Psicologia da Justiça

Comparison of personal social networks of young institutionalized and non institutionalized: the relationship with friends group.

Sónia Antunes dos Santos
Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins

Abstract

This thesis aims the study and comparison of personal social networks of young institutionalized and non-institutionalized, focusing on relationships with friends, since this is the social bond more prevalent in this age group. Thus, seeking to respond to such purposes, were formulated the following objectives: a) - characterization of the personal social networks of young institutionalized and non-institutionalized, b) -comparison of personal social networks of young institutionalized and non-institutionalized and c) evaluation of satisfaction and relational dynamics of the young with their group of friends

The sample was comprised of a total of 50 young people, evenly distributed into two groups: Group 1 Young institutionalized and Group 2 Young non-institutionalized. As instruments of data collection were used, the Inventory of Personal Social Network Analysis - Revised, the Map of Personal Social Network and the Questionnaire about Relations with Friends (questionnaire designed and built to meet exclusively the purposes of this study).

The main findings indicate that, a) - the personal social networks of young institutionalized are means, cohesive, with a predominance for the inclusion of family, friends and professional institution, characterized by high levels of multidimensionality and reciprocity b) - the personal social networks of young non-institutionalized follow exactly the same trend, except for being considered small networks c) - in comparative terms there are not many differences between the groups, except in terms of size and dispersion; d) - in general, adolescents make a satisfactory assessment of their relationship with friends, presenting a dynamic relational based on mutuality and guided by heterogeneity.

Índice

Introdução	8
Parte I – Enquadramento Teórico	9
Capítulo I - A importância das relações sociais e interpessoais no desenvolvimento global e socioafetivo em geral e na adolescência	9
O desenvolvimento sócio-afetivo ao longo da vida	9
A adolescência e as necessidades desenvolvimentais	11
A importância do grupo de amigos e das relações de amizade na adolescência	13
Capítulo II - O desenvolvimento sócio-afetivo em contexto residencial	14
O contexto residencial e a promoção do desenvolvimento sócio-afetivo	14
Vantagens do contexto residencial para o desenvolvimento sócio-afetivo dos jovens	15
Desvantagens do contexto residencial para o desenvolvimento sócio-afetivo dos jovens	16
Capítulo III - As redes sociais pessoais	17
As redes sociais, as redes sociais pessoais e o apoio social	17
Características das redes sociais pessoais	19
As redes sociais pessoais na adolescência e de jovens em acolhimento	20
Parte II – Estudo Empírico	23
Capítulo IV- Metodologia	23
Objetivos	23
Grupo de estudo/Amostra	25
Instrumentos	25
Procedimento	28
Tratamento de dados	28
Capítulo V - Apresentação de resultados	28
Capítulo VI - Discussão de resultados	40
Capítulo VII - Conclusão	45
Bibliografia	46

Índice de Figuras

Figura 1 - Representação das principais relações interpessoais estabelecidas ao longo da vida	11
Figura 2 - Mapa de Rede Social	26

Índice de Quadros

Quadro 1 - Divisão das questões por categoria	27
--	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Composição (jovens institucionalizadas)	28
Gráfico 2 - Composição (jovens não institucionalizadas)	31

Índice de Tabelas

Tabela 1: Valores médios de dispersão por quadrante (jovens institucionalizadas)	29
Tabela 2: Nível de apoio recebido (Jovens institucionalizadas)	29
Tabela 3: Características do quadrante Amizades (jovens institucionalizadas)	31
Tabela 4: Valores médios de dispersão por quadrante (jovens não institucionalizadas)	32
Tabela 5: Nível de apoio recebido (Jovens institucionalizadas)	32
Tabela 6: Características do quadrante Amizades (jovens não institucionalizadas)	34
Tabela 7 - Resultados Testes de Diferenças (Teste t para amostras independentes e Mann-Whitney) - Rede	34
Tabela 8 - Resultados Testes de Diferenças (Teste t para amostras independentes e Mann-Whitney) - Quadrante Amizades	36
Tabela 9: Percepção da satisfação com a relação de amizade (%)	38
Tabela 10: Percepção dos ganhos inerentes à de relação de amizade (%)	38
Tabela 11: Percepção das exigências pessoais inerentes à de relação de amizade (%)	39
Tabela 12: Características demográficas da relação de amizade (%)	40

Introdução

O presente trabalho, cujo tema geral se insere no estudo de jovens institucionalizados, mais especificamente na exploração das suas redes sociais pessoais, faz parte do último ano do Mestrado Integrado de Psicologia da Justiça e foi realizado sob orientação da Doutora Paula Cristina Marques Martins.

Segundo Alarcão e Sousa (2007), tanto o indivíduo como o discurso científico, referem a importância da presença de outras pessoas na vida de cada um, sendo que este contacto com os outros e os vínculos estabelecidos se constituem como elementos fundamentais de identidade e desenvolvimento individual. Neste sentido, e dado que o estudo das redes sociais permite incluir o sujeito num contexto social alargado (Alarcão & Sousa, 2007), torna-se importante perceber a sua formação, manutenção e perceção, de modo a ser possível intervir em caso de rutura ou reformulação das mesmas. Assim, este trabalho encontra a sua relevância na ideia, defendida por Soares (2007), de que os jovens institucionalizados, por terem sofrido uma rutura num dos seus contextos sociais, veem as suas redes amplamente constrangidas. Neste seguimento, e dado que no período da adolescência os jovens atravessam uma fase de estruturação e transformação das suas relações pessoais, a autora refere que se torna importante a intervenção neste domínio, com vista à promoção e melhoria das redes sociais deste grupo específico (Soares, 2007).

Tendo em conta o anterior, esta dissertação tem como objetivos gerais a comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e de jovens não institucionalizadas, com maior incidência nas relações com os amigos. Deste modo, procurando dar resposta a tais propósitos, formularam-se os seguintes objetivos específicos: a) caracterização das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e não institucionalizadas; b) comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e não institucionalizadas e c) avaliação da perceção de satisfação e da dinâmica relacional das jovens com o grupo de amigos.

Relativamente à estrutura, este trabalho divide-se em duas partes: Parte I - Enquadramento Teórico (onde serão apresentados dados da literatura que permitam suportar a parte empírica) e a Parte II - Estudo Empírico (na qual se pretende descrever e apresentar os resultados obtidos, confrontando os mesmos com os dados da literatura). A primeira parte está dividida em três capítulos, a saber: Capítulo I - A importância das relações sociais e interpessoais no desenvolvimento global e sócio-afetivo em geral e na adolescência; Capítulo II - O desenvolvimento sócio-afetivo em contexto residencial e Capítulo III - As redes sociais pessoais. Relativamente à segunda parte, a mesma encontra-

se também estruturada em três capítulos: Capítulo IV - Metodologia; Capítulo V - Apresentação dos Resultados; Capítulo VI - Discussão de Resultados e Capítulo VII - Conclusão. O primeiro capítulo reflete acerca da importância e desenvolvimento das relações interpessoais ao longo da vida, com especial enfoque na adolescência e relação com o grupo de pares/amigos, sendo que também serão referidas de um modo geral as principais necessidades desenvolvimentais deste período de vida. O segundo capítulo aborda o contexto residencial e sua influência e impacto no desenvolvimento sócio-afetivo, para tal serão descritas as principais vantagens e desvantagens deste contexto na promoção da dimensão sócio-afetiva dos jovens nele acolhidos. O último capítulo do enquadramento teórico, integra as definições de rede social, de rede social pessoal e de apoio social, expondo-se as principais características das mesmas na adolescência em geral e na população acolhida em particular. O quarto capítulo, descreve e explicita o desenho metodológico utilizado no estudo empírico. No quinto capítulo são apresentados os resultados obtidos na investigação realizada, seguido do sexto capítulo onde se precederá à discussão e confrontação dos mesmos com os dados da literatura. Por fim, o último capítulo, inclui as principais potencialidades e limitações do estudo efetuado, bem como algumas recomendações para investigações futuras relacionadas com a temática abordada.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I - A importância das relações sociais e interpessoais no desenvolvimento global e sócio-afetivo do adolescente.

Neste capítulo será abordado, de um modo geral, o desenvolvimento sócio-afetivo ao longo da vida, dando um maior enfoque ao período da adolescência, uma vez que esta é a população alvo do presente estudo. A referência ao desenvolvimento sócio-afetivo ao longo da vida, encontra a sua relevância, na medida em que permite uma melhor caracterização e verificação das mudanças e alterações ocorridas, neste âmbito, para o adolescente. Assim sendo, primeiramente será feita uma breve alusão ao desenvolvimento afetivo e relacional desde a infância à idade adulta, onde se vão referir os principais atores das relações sociais e interpessoais, nas diferentes fases desenvolvimentais. De seguida será debatido o conceito de adolescência, referindo-se as principais necessidades desenvolvimentais desta etapa da vida. Por último, este capítulo termina com algumas considerações acerca da importância do grupo de amigos na adolescência.

O desenvolvimento sócio-afetivo ao longo da vida

Além de biológico e psicológico, o Homem é também um ser social e como tal tem necessidade de viver em sociedade (Alarcão & Sousa, 2007). Neste intercâmbio relacional, definido como socialização, o sujeito vai construindo a sua identidade, quer pessoal como social. No entanto, e como se poderá ver mais adiante, a rede de relações do indivíduo e a interação deste com os demais atores sociais vão sofrendo alteração consoante a fase da vida em que se encontra. Como refere Bowlby (1982), o mapa relacional e os vínculos pessoais são processos que nos acompanham e se desenvolvem “*desde o berço até ao túmulo*” (p.208).

No início da infância, mais concretamente quando nasce, o sujeito necessita que lhe sejam proporcionados e garantidos os cuidados básicos. Neste sentido, a primeira relação de caráter afetivo que o bebé experimenta é com o cuidador primário - normalmente a mãe (Soares, 2007; Thompson, Easterbrooks & Walker, 2003). No entanto, as relações interpessoais na infância não se limitam à díade bebé-cuidador, à medida que vai crescendo, o sujeito alarga o seu contexto de relações, para nele incluir outros familiares próximos, principalmente o pai e os irmãos, se fôr o caso (Thompson *et al*, 2003). Mais tarde, com a entrada da criança no colégio e na escola, o seu mapa relacional expande-se (Smith & Brownell, 2003), sendo que as relações estabelecidas com os colegas passam a integrar a rede de relações da criança. No entanto, até ao início da adolescência, os laços estabelecidos com os pares/amigos não estão tão consolidados e não têm para o sujeito tanta importância como a relação estabelecida com os pais (Carvalho, 2007). Esta tendência foi documentada num estudo de Nickerson & Nagle (2005) no qual foram inquiridos 279 crianças e jovens, do quarto, sexto e oitavos anos de escolaridade, acerca da confiança e comunicação existente entre os mesmos com os pais e amigos, sendo que quão mais avançados em escolaridade (e conseqüentemente em idade) mais os sujeitos referiam os amigos como figuras de proximidade e confiança.

Em termos de vinculação, a adolescência é um período de transição entre a vinculação da infância e a vinculação da idade adulta (Matos & Costa, 2006; Soares, 2007), ou seja, na adolescência assiste-se a uma passagem do foco relacional das figuras familiares para figuras externas ao contexto família. Num estudo realizado por Csikszentmihalyi e Larson (1984), onde se pedia para os jovens registarem as suas atividades quotidianas, revelando sentimentos e as pessoas com quem as mesmas ocorriam, concluiu-se que os adolescentes mencionavam despende a maior parte do seu tempo com os amigos (29%) do que com a família (13%), estes resultados comprovam que nesta fase desenvolvimental, assiste-se a um afastamento à família e a uma aproximação aos amigos. Segundo Barrera e Li (1996), a relação de confidencialidade que existia com os pais no final da infância transfere-se para os pares, para que no final da adolescência se alcance um equilíbrio relacional entre família e amigos. Esta transição está diretamente

relacionada com a procura de autonomia, principal tarefa desenvolvimental da adolescência, que passa pela construção de novos relacionamentos e afastamento do suporte parental (Gnaulati & Heine, 2001). Neste período de grandes transformações, o adolescente deixa de ter apenas a necessidade de receber os cuidados de outros significativos para se tornar ele próprio uma figura significativa para os outros (Matos, 2002), começando até a ter necessidade de se envolver emocional e intimamente com um parceiro (Costa, 2004). Assim, sensivelmente, no final da adolescência começa a emergir uma nova figura relacional, o par amoroso (Hazan & Shaver, 1987; Matos & Costa 2006), figura esta que vai consolidar a relação com o indivíduo na idade adulta.

Por último, quando adulto, muito por força da autonomização e aquisição de independência por parte do indivíduo, verifica-se um maior afastamento em relação aos pais. No entanto, estas figuras continuam a desempenhar um papel na vida do sujeito, em termos vinculativos. Podemos dizer que na idade adulta as principais figuras de vinculação são o par amoroso (Hazan & Shaver, 1987; Pruchno & Rosenbaum, 2003), os filhos, os irmãos, os amigos e os pais (Pruchno & Rosenbaum, 2003), sendo que o primeiro se constitui como figura de referência no quadro relacional (Hazan & Shaver, 1987). A proximidade física e emocional celebrada com o par amoroso contribui para o desenvolvimento da vinculação, o que proporciona um sentimento de segurança ao indivíduo (Matos & Costa, 2006). Um importante acontecimento em termos de vinculação, que ocorre nesta altura é a passagem do indivíduo a figura principal de vinculação aquando do nascimento dos filhos (Pruchno & Rosenbaum, 2003).

Em síntese, o quadro relacional que o sujeito experimenta e desenvolve e as relações interpessoais que vai estabelecendo ao longo da vida podem ser melhor explicados na figura abaixo. Embora ao longo da vida novas relações se formem, é importante ter em conta que as antigas não deixam de existir, sendo que as relações e vínculos anteriores vão ter influência na maneira como o sujeito se relaciona na fase seguinte (Soares, 2007).

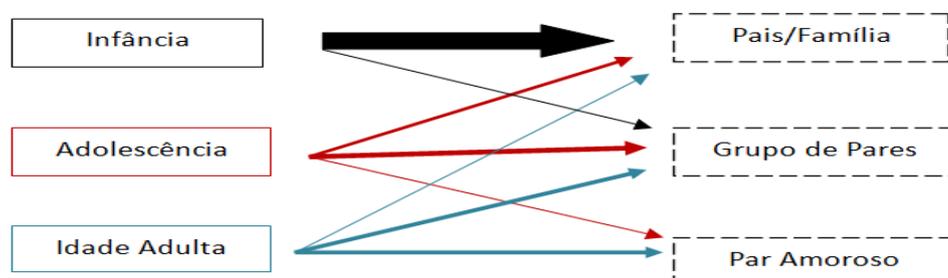


Figura 1 - Representação das principais relações interpessoais estabelecidas ao longo da vida.

A adolescência e as necessidades desenvolvimentais

A adolescência é, normalmente, definida como uma fase da vida que se situa entre a infância e a idade adulta, tendo o seu início aquando das transformações da puberdade

(sensivelmente por volta dos 12 anos), terminando com a entrada na fase adulta (sensivelmente por volta dos 20 anos), sendo que o seu término não está nitidamente definido (Martins, 2005). Durante este período o indivíduo sofre um conjunto de alterações, nomeadamente, a nível físico, cognitivo e social. A maturação quer física, quer psicológica que ocorre neste período concorre em grande escala para a construção e consolidação da identidade do sujeito e potencia a sua busca por independência e autonomia, sendo que as mudanças que ocorrem nesta fase se influenciam mutuamente, como se poderá ver de seguida.

As mudanças físicas são, provavelmente, as alterações mais significativas e mais visíveis que ocorrem na adolescência sendo também, as mais rápidas e avassaladoras (Papalia, Olds & Feldmans, 2001). As modificações pubertárias, envolvem o crescimento e modificação corporal e hormonal (crescimento/aparecimento de pelos púbicos; desenvolvimento e maturação dos órgãos reprodutores; alterações na voz...), o que implica uma mudança na auto imagem do adolescente (Papalia, Olds, & Feldmans, 2001). As alterações físicas decorrentes nesta fase têm um impacto, principalmente, biológico, mas também psicológico e social. A nível psicológico, o indivíduo tem que lidar com as mudanças corporais, integrando-as e aceitando-as na sua nova percepção de auto imagem. A nível social, esta fase, influenciando o modo como o adolescente se vê a si próprio, vai afetar, conseqüentemente, a maneira como este responde aos outros e ao meio (Sprinthall & Collins, 1994).

A nível cognitivo/intelectual, a principal alteração é o início do pensamento formal (capacidade de abstração; distinção entre o objetivo e o subjetivo; capacidade de pensar sobre o pensar...) que vai influenciar o modo como o adolescente se percebe e se compreende. O sistema de valores altera-se, verificando-se uma ligação entre o desenvolvimento moral e o desenvolvimento cognitivo e o raciocínio abstrato desenvolve-se (Eccles, Wigfield & Byrnes, 2003). Nesta fase, o adolescente está capaz de pensar sobre si, sobre os outros, sobre as coisas e sobre o que o rodeia. Esta nova forma de pensar vai dotar o adolescente de capacidades para gerir e avaliar as mudanças físicas que vai sofrendo e vai influenciar o modo como este constrói as suas relações interpessoais com a família, os amigos e os outros (Keating, 2004).

Ao nível sócio-afetivo, a principal modificação que se verifica é a aproximação ao grupo de amigos e conseqüente afastamento dos pais, como já referido anteriormente. Em suma, a nível social, o adolescente tem: a) - necessidade de encontrar um lugar seguro no grupo, desenvolvendo sentimentos de pertença; b) - a necessidade de adotar tarefas importantes que lhe proporcionem o reconhecimento e o respeito no seio do grupo; c) - a necessidade de se sentir como uma pessoa válida; d) - a necessidade de se sentir seguro nos relacionamentos com as outras pessoas, em especial naqueles mais próximos

(Galambos & Costigan, 2003). O desenvolvimento global do indivíduo está relacionado com o aspeto social, uma vez que todas as alterações individuais se inserem nesse contexto, sendo influenciadas pelo mesmo, pelas expectativas que lhes estão associadas e pelas relações e interações interpessoais que o adolescente estabelece com os outros em sociedade.

Todas estas alterações e aquisições concorrem para que o adolescente alcance a tarefa máxima desta fase desenvolvimental: a construção da identidade/personalidade. Esta construção vai sendo possível através da adaptação, da integração e da avaliação que o jovem vai fazendo das mudanças (físicas, cognitivas e sociais) que ocorrem neste período. A formação da identidade potencia não só o desenvolvimento da individualidade e autonomia de cada um, como também permite a inserção do sujeito na sociedade.

A importância do grupo de amigos na adolescência

O conceito de grupo de pares, na adolescência, pode ser definido, grosso modo, como o grande conjunto de adolescentes com os quais um indivíduo interaje regularmente (LaGreca & Harrison, 2005). Dentro deste grande grupo está o grupo de amigos. A amizade, pode ser descrita como uma interação de duas ou mais pessoas, que tende a ser recíproca e iniciada livremente, é portanto uma relação caracterizada por ser íntima, mútua e voluntária.

Segundo Tomé (2011), as relações interpessoais têm grande importância para a percepção de bem-estar do indivíduo, neste sentido as relações de amizade também têm impacto na qualidade de vida do adolescente. A aceitação pelo grupo de amigos é muito importante para o adolescente, que nele procura suporte e aprovação (LaGreca & Harrison, 2005). As relações de amizade são na adolescência, a seguir às familiares, aquelas que mais influencia têm na percepção e experiência de bem-estar (Goswani, 2011). A relação com o grupo de amigos tem uma grande importância para o desenvolvimento e construção da identidade do adolescente, uma vez que esta relação tem impacto na maneira como o adolescente avalia e assimila o que vai aprendendo e adquirindo no processo de socialização. Segundo Smetna, Barr e Metzger (2005), os companheiros influenciam certos aspetos da vida do indivíduo, tais como o estilo, a aparência, a conduta e o comportamento. Outro aspeto que confere importância às relações de amizade é o facto de nelas o adolescente desenvolver uma auto imagem baseada no que os outros pensam dele, sendo que uma relação negativa, pode implicar a ocorrência de um desajustamento social e emocional (Kim, Rapee, Oh & Moon, 2008). As relações de amizade também proporcionam a aquisição de competências que promovem o desenvolvimento social, a saber, a capacidade de partilha, o desenvolvimento de relações positivas com os outros, maior abertura para contactos sociais e capacidade para desenvolver novas relações

interpessoais (Tomé, 2011). Para a mesma autora, outro benefício de se ter amigos é que a este aspeto relacional estão associados baixos valores de depressão e ansiedade. Para além disto, as relações de amizade evitam os sentimentos de solidão, isolamento e tristeza, potenciando a aquisição de competências sociais que vão permitir que o adolescente mantenha a necessidade de se envolver em relações interpessoais. Em suma, a literatura nesta área aponta para uma relação positiva entre as relações de amizade, o bem-estar e qualidade de vida e a competência social dos adolescentes, uma vez que as amizades têm como função promover o afeto, a confiança e sentimentos de pertença e intimidade.

Para jovens em regime de acolhimento institucional a amizade e o grupo de pares podem ter uma importância acrescida, se atendermos ao facto de estes jovens se encontrarem numa situação onde houve rutura de um dos seus contextos sociais.

Capítulo II - O desenvolvimento sócio afetivo em contexto residencial

Recordando os objetivos desta dissertação, este capítulo foca-se nas questões do acolhimento residencial e seu impacto no desenvolvimento sócio-afetivo. Deste modo, após se discorrer acerca da medida de acolhimento residencial e promoção do desenvolvimento sócio-afetivo, apresentam-se as principais vantagens e desvantagens desta medida no que respeita o desenvolvimento e relações sociais e interpessoais dos jovens acolhidos.

O acolhimento residencial e a promoção do desenvolvimento sócio-afetivo

Em Portugal, o acolhimento residencial consiste na colocação de crianças ou adolescentes aos cuidados de uma entidade competente, encontrando-se sob a alçada da Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Risco (Lei,147/99 de 1 de setembro). Como objetivos e premissas gerais de ação destas instituições, encontra-se legislado que as mesmas devem: a) - proteger as crianças e jovens em perigo; b) - promover os direitos destes indivíduos; c) - garantir o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças e jovens; d) - proporcionar a estes sujeitos os cuidados básicos de saúde e educação a que têm direito e e) - favorecer uma relação afetiva do tipo familiar, capaz de responder às necessidades desta população, tendo em conta a individualidade de cada um e a integração destas crianças e jovens na sociedade (Lei 147/99 de 1 de setembro).

Ao consultar a Lei,147/99 de 1 de setembro, facilmente se constata, que dela fazem parte diretrizes que fomentam e legislam a promoção do desenvolvimento social. Assim sendo, está registado que o funcionamento institucional deve promover o contato com a comunidade, funcionando num regime aberto de caráter familiar, impulsionando a integração e adaptação social, promovendo a construção de vínculos novos na sociedade, exteriores à própria Instituição. A manutenção da relação familiar, desde que regida pelas próprias

regras da Instituição e decisões judiciais, bem como a conservação de outras relações pré-existentes, são também previligiadas e promovidas.

Pelo que se pode concluir, um dos princípios básicos da Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em risco, é a criação de condições para que a disparidade entre o contexto institucional e familiar seja a mais reduzida possível, de forma a atenuar o constrangimento das redes sociais pessoais destes jovens, consequência da rutura com um dos seus ambientes relacionais.

Vantagens do contexto residencial para o desenvolvimento sócio-afetivo

O processo de institucionalização deve proporcionar às crianças e jovens acolhidos, um ambiente o mais próximo do normal possível, evitando um acréscimo de constrangimentos na vida dos mesmos. Deste modo, o contexto residencial deve garantir que os sujeitos que nele se inserem tenham acesso a todos os recursos que assegurem o seu desenvolvimento salutar e normativo em todas as áreas (físico, cognitivo, social...).

As crianças e jovens em acolhimento apresentam, para além de outros, constrangimentos de ordem social que se manifestam pela desvalorização da sua dimensão enquanto seres sociais. Neste sentido, as instituições devem fornecer condições que permitam que estes indivíduos reconstruam e reestruturam o seu “eu”, alterando a avaliação social de si próprios (Alberto, 2002).

Uma das principais vantagens do contexto residencial para o desenvolvimento social dos jovens nele acolhidos é o facto de estes estarem inseridos num grupo, onde os profissionais/adultos que com eles trabalham e interagem, se constituem como figuras de referência (Mota & Matos, 2008). Emond (2002) afirma que as experiências vividas em grupo facilitam o estabelecimento de laços com diferentes pares e adultos, favorecem o desenvolvimento de sentimentos de pertença e cooperação e promovem a interiorização de valores e padrões de condutas grupais. Bravo e Del Valle (2001) acrescentam que a vida em grupo, aliada a um ambiente estável, estimulam a aquisição de competências e o desenvolvimento de valores sociais.

É também importante e vantajosa a promoção do estabelecimento de relações recíprocas, de equilíbrio de poder e de afeto estável, de modo a potencializar o desenvolvimento de relações positivas com os demais atores sociais (Siqueira, Betts & Dell’Aglio, 2006). No mesmo sentido, Moré & Sperancetta (2010) afirmam que no contexto residencial deve haver uma promoção das relações positivas, primeiramente com os técnicos e outros membros da instituição, para depois se transpor estas aquisições para a sociedade e relação com os outros.

Ao proporcionarem atividades e oportunidades novas (Cavalcante, Magalhães & Pontes, 2007; Moré & Sperancetta, 2010) que facilitam e exponenciam o desenvolvimento

de competências sociais (Siqueira & Dell'Aglio, 2006), as instituições permitem que se criem condições ideais para que estes jovens desenvolvam a sua personalidade e identidade (Moré & Sperancetta, 2010).

Ao fomentarem a adaptação social dos jovens acolhidos (Siqueira, Tubino, Schart & Delbosco, 2009), facilitando e incentivando projetos individuais (Moré & Sperancetta, 2010), as instituições contribuem para que os mesmos adquiram competências pessoais importantes na construção da sua identidade social e relacional (Mota & Matos, 2008; Siqueira *et al*, 2009).

Em suma, as instituições devem criar as condições para a reorganização dos sujeitos acolhidos no que respeita à sua dimensão social, para depois promoverem, potenciarem e proporcionarem as experiências necessárias para que os mesmos adquiram as competências e valores necessários para a vida em sociedade.

Desvantagens do contexto residencial para o desenvolvimento sócio-afetivo

Mesmo que na teoria o processo de institucionalização se queira seguro, confiante e capaz de proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento normal dos que nele integram, a verdade é que o contexto residencial apresenta certas fragilidades, nomeadamente ao nível do impacto que tem no contexto social e nas relações interpessoais dos sujeitos acolhidos, começando logo pelo afastamento, dos jovens, do contexto familiar (Mota & Matos, 2008) e conseqüente quebra de alguns vínculos existentes (Bravo & Del Valle, 2003; Moré e Sperancetta, 2010).

Uma das principais desvantagens do contexto residencial para o desenvolvimento social e afetivo é o facto de este se poder constituir como um fator de estigmatização social (Alberto, 2002; Martins, 2005). Este processo pode ocorrer tanto internamente, pela reprodução de desigualdades sociais do próprio contexto (Alberto, 2002), como externamente, isto é, pela avaliação e imagem construídas pelos outros em relação ao contexto de acolhimento (Martins, 2005).

Martins (2004) alerta também para o facto de, quanto maior o tempo de institucionalização, mais as relações interpessoais das crianças e jovens institucionalizados, se tornarem pobres e limitadas. Estas características podem ser melhor explicadas pelo facto de o contexto residencial ser, tendencialmente, um ambiente social pouco estimulante, por ser muitas vezes um contexto fechado, rígido e austero, no qual as figuras de referência estão por vezes ausentes (Martins, 2005a). Esta ausência, aliada ao carácter por vezes distante que pauta o relacionamento dos jovens com os técnicos e profissionais da instituição (Siqueira *et al*, 2009), leva a que a construção de novos relacionamentos seja uma tarefa difícil para estes (Moré & Sperancetta, 2010).

Outro entrave que se pode colocar ao desenvolvimento sócio-afetivo normal das crianças e jovens acolhidos é o facto de os mesmos poderem apresentar dificuldades comportamentais ao nível relacional, traduzidos por défices (de organização, de conduta, cognitivos...) que podem influenciar o funcionamento social (Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000).

Por último, o isolamento a que estas crianças e jovens estão muitas vezes votadas, pode influenciar negativamente e até restringir o acesso e o contacto com o contexto social alargado (Martins, 2005).

Capítulo III - As redes sociais pessoais

O último capítulo do enquadramento teórico faz referência ao assunto central deste estudo, as redes sociais pessoais. Deste modo, primeiramente, serão discutidos os conceitos de rede social e de rede social pessoal, referindo-se as diferenças entre as duas ideias. No seguimento desta conceptualização, será também referido o conceito de apoio social e sua importância. De seguida serão descritas as principais características das redes sociais pessoais, terminando-se com a exposição de alguns resultados de estudos acerca desta temática, tanto na adolescência em geral, como na população acolhida em particular.

As redes sociais, as redes sociais pessoais e o apoio social

O conceito de rede social é difícil de definir, em parte pela multiplicidade de outros conceitos (rede de apoio, rede de suporte, rede de relações sociais) que lhe estão associados (Abreu, 2008; Roda & Moreno, 2001), como pelo crescente interesse que esta temática tem vindo a ter no seio das ciências sociais (Guadalupe, 2001; Roda & Moreno, 2001). Neste sentido, e com o intuito de se perceber o elo de ligação entre o que postulam os vários autores, importa apresentar algumas definições.

Barnes, antropólogo inglês pioneiro na utilização e definição do conceito de rede social (Alarcão & Sousa, 2007), descreveu-o, em 1954, como sendo as ligações sociais a que os indivíduos ou grupos estão conectados. Em 1972, o mesmo autor revê o conceito (Alarcão & Sousa, 2007) acrescentando que estas mesmas conexões têm impacto na trama relacional do indivíduo, isto é, as ligações estabelecidas com a rede influenciam a percepção, avaliação e experienciação que o sujeito faz da mesma e da sua vida social. De um modo geral e sucinto, Wellman (1981) afirma que rede social é o “conjunto de nós e laços de ligação entre os nós”, sendo que estes podem ser pessoas, grupos, empresas e instituições. Sluzki (1996) define rede social como todas as relações interpessoais (amigos, colegas de escola e/ou trabalho, comunidade...) que o sujeito vivencia, para além daquelas estabelecidas com a família nuclear e alargada e outros significativos. O mesmo autor refere

ainda que as redes influenciam a auto imagem do sujeito e têm impacto no desenvolvimento da identidade, na aquisição de competências e bem-estar do mesmo, sendo que o indivíduo deve estar não só capaz de receber apoio social das suas redes, como também de proporcioná-lo. Mais recentemente, Alarcão & Sousa (2007) definem rede social como um sistema aberto no qual existe um intercâmbio dinâmico entre os membros da rede, entre si ou com outros grupos, que deve potencializar recursos de modo a atribuir significado a um quadro de apoio social.

A diferença entre rede social e rede social pessoal prende-se sobretudo com a ideia de que na primeira se inserem todas e quaisquer conexões sociais que o indivíduo experimenta, enquanto a segunda diz respeito às relações sociais que o sujeito avalia como significativas, atribuindo-lhes um cunho mais familiar e afetivo. Nas palavras de Speck & Atneave (1990), a rede social pessoal deve ser analisada pela perspetiva do sujeito focal.

Sluzki (1996) define rede social pessoal como todas as relações que o indivíduo estabelece, percebendo-as como significativas e diferenciando-as do grosso da sociedade, que vão constituir-se como o nicho interpessoal de cada um. As redes sociais pessoais são múltiplas, complexas e estão sujeitas a alterações e transformações ao longo do tempo, uma vez que se vão construindo e reconstruindo ao longo das diferentes fases da vida (Alarcão & Sousa, 2007; Siqueira, 2006; Sluzki, 1996;). Guadalupe (2001) sintetiza a ideia de rede social pessoal como *“todos os outros (atores sociais) com quem o indivíduo estabelece uma relação interactiva.”* Importa também referir que, atendendo ao tipo de laços que se estabelecem, a rede pode dividir-se em primária e secundária. A rede primária é definida por relações informais e afetivas (Alarcão & Sousa, 2007) na qual se inserem a família, os amigos e os vizinhos (Guédon, 1984). A rede secundária, que pode ser formal ou informal (Alarcão & Sousa, 2007; Guédon, 1984), tem como objetivo prestar um serviço oficial e estruturado, sendo que se revestem de um carácter mais rígido, funcional e específico (Guédon, 1984).

Outro conceito importante, que está relacionado com a temática das redes sociais pessoais, é o de apoio social. À semelhança do que acontece com os conceitos atrás descritos, também este, embora amplamente estudado, apresenta ambiguidade e falta de clareza e consensualidade na sua definição (Guadalupe, 2008; Nunes, 2005; Roda & Moreno, 2001). Segundo Antunes e Fontaine (2005), o apoio social diz respeito às funções desempenhadas pelo grupo em relação ao indivíduo e percepção que o último tem acerca dessas funções, que lhe vão proporcionar a experiência de sentimentos de pertença e de que os outros se importam com ele. O apoio social também pode ser entendido como *“a informação recolhida junto dos próximos em como se é uma pessoa querida, estimada e apreciada e se faz parte integrante de um contexto de comunicação e obrigações mútuas”* (Almeida, 2003, pp 216-217). O apoio social é uma das funções principais e mais

importantes das redes sociais (Abreu, 2008; Guadalupe, 2008), uma vez que quão mais eficaz é o apoio percebido e proporcionado, melhor funcionam as redes. Este conceito tem especial importância no impacto que exerce sobre o bem-estar dos indivíduos, no que respeita a sua saúde (física e mental), funcionando por vezes como uma estratégia de *coping* em situações de *stress*, promovendo a autoestima, o autoconceito e a autoeficácia (Abreu, 2008; Moreira & Melo, 2005). O apoio social tem impacto no bem-estar do indivíduo quer este esteja ou não sob *stress* e funciona como elemento protetor em caso de ameaça (Armstrong, Birnie-Lefcovich & Ungar, 2005).

Caracterização das redes sociais pessoais

As redes sociais pessoais podem ser caracterizadas em termos estruturais, funcionais e de atributos do vínculo (Alarcão & Sousa, 2007; Sluzki, 1998). Seguidamente, serão explicadas estas características, tendo como base a conceptualização desenvolvida por Alarcão e Sousa (2007).

Características Estruturais

Nas características estruturais estão englobados: o tamanho, a densidade, a composição ou distribuição, a dispersão e a homogeneidade/heterogeneidade da rede. Relativamente ao tamanho, o mesmo é conseguido pelo número total de elementos que constituem a rede, que podem ser classificadas em grandes, médias e pequenas. A densidade, que pode ser classificada em três níveis, coesa, dispersa e fragmentada, diz respeito às conexões estabelecidas na rede, independentemente da pessoa focal. No que diz respeito à composição ou distribuição, a mesma refere-se à forma como a pessoa focal distribui as pessoas da sua rede pelos quatro quadrantes principais: família, amigos, colegas de estudo e/ou trabalho e vizinhos e instituições (Figura 1). Quanto à dispersão, a mesma é avaliada segundo a distância geográfica existente entre a pessoa focal e os membros constituintes da sua rede. Por último, a homogeneidade/heterogeneidade diz respeito às semelhanças e diferenças dos elementos da rede, em relação ao sexo, à idade, à cultura e ao nível sócio-económico, podendo ser classificadas como redes homogéneas ou redes heterogéneas.

Características Funcionais

No que respeita às características funcionais, as mesmas dizem respeito ao tipo de apoio que a rede pode proporcionar, sendo possível nomear sete funções de apoio: companhia social, apoio emocional, apoio cognitivo/aconselhamento, regulação/controle social, ajuda material ou instrumental, apoio técnico e acesso a novos contactos.

A companhia social refere-se ao “estar junto” e realizar atividades em conjunto. O apoio emocional, uma das funções mais importantes da rede, diz respeito às atitudes emocionais positivas expressas pelos membros da rede para com a pessoa focal. Relativamente ao apoio cognitivo/aconselhamento, o mesmo refere-se à partilha de informação pessoal e social, promovendo modelos de comportamento e fornecendo novas formas de pensar e agir. A regulação/controle social é uma função na qual os membros da rede devem lembrar à pessoa focal quais as suas responsabilidades e papéis, de forma a favorecer resolução de conflitos e neutralizar comportamentos desviantes. O apoio material ou instrumental refere-se a um tipo de auxílio dado à pessoa focal, que possibilita ajudá-la na realização de tarefas do quotidiano. No que se refere ao apoio técnico, que é proporcionado principalmente pela rede secundária, o mesmo refere-se à disponibilização de serviços e suporte técnico à pessoa focal. Por último, o acesso a novos contactos diz respeito à abertura a outras pessoas ou redes, que não fazem parte da rede social da pessoa focal.

Atributos do Vínculo

Os atributos do vínculo abrangem, segundo Alarcão e Sousa (2007), a multidimensionalidade e versatilidade, a reciprocidade e a frequência de contactos. Para além destes atributos, Sluzki (1998) refere mais três, a saber: funções prevalentes, intensidade e história da relação.

Quanto à multidimensionalidade e versatilidade, esta refere-se à variedade e quantidade de funções que um membro da rede pode assumir, sendo que a mesma pessoa pode assegurar mais do que uma função. Relativamente à reciprocidade, diz respeito à simetria/assimetria das interações, no que se refere às funções assumidas por cada sujeito envolvido nas mesmas. A frequência de contactos refere-se ao período de tempo em que a pessoa focal está com os membros da rede, podendo este contacto ser diário, frequente ou esporádico (mensal ou anual). As funções prevalentes referem-se à identificação das funções exercidas, predominantemente, na relação membro da rede - pessoa focal. No que se refere à intensidade, este atributo está relacionado com o grau de intimidade existente na relação. Por último, a história da relação, refere-se ao período de tempo que os membros se conhecem e à experiência relacional, prévia, vivida entre os mesmos.

As redes sociais pessoais dos adolescentes e de jovens em acolhimento

O estudo acerca das redes sociais e das redes sociais pessoais teve o seu início nos anos 60, 70 do século XX (Roda & Moreno, 2001). Tendo por base os objetivos desta dissertação, serão expostas, seguidamente, algumas das principais conclusões de estudos feitos na população adolescente e na população acolhida.

A adolescência é um período em que se verifica uma expansão das redes sociais pessoais (Antunes & Fontaine, 2005; Nunes, 2010). Bravo e Del Valle (2000) realizaram um estudo acerca das redes sociais pessoais de adolescentes e concluíram que em termos de tamanho, as mesmas eram constituídas por, sensivelmente, dez pessoas (Bravo & Del Valle, 2003), sendo compostas, principalmente, por familiares, amigos, colegas de escola e professores. No que diz respeito à perceção de apoio recebido, os autores estudaram-na através de três dimensões: confiança, ajuda e perda (esta última relacionada com a antecipação da reação em caso de afastamento/perda das pessoas que fazem parte da rede). Assim, relativamente à confiança, concluíram que os amigos, a mãe e os colegas de escola são as figuras de referência desta dimensão. Resultados idênticos foram conseguidos para a dimensão ajuda, onde a mãe e os amigos aparecem como aqueles que mais a disponibilizam. No que respeita a dimensão perda, os autores concluíram que os sentimentos negativos estão associados a uma maior proximidade relacional, sendo que a família e os amigos foram os elementos que os adolescentes referiram sentir mais falta numa situação de afastamento ou perda. Por fim, Bravo e Del Valle (2000) também concluíram que em termos de apoio total, os adolescentes percebem o apoio como sendo proveniente principalmente de familiares e amigos, apontando os professores como aqueles que disponibilizam menos apoio. Num estudo dos mesmos autores, no qual se comparam as redes sociais pessoais de jovens acolhidos com os dados da população normativa, foi concluído que os últimos percebem receber mais apoio social que os primeiros (Bravo & Del Valle, 2003). Os estudos apontam para que as redes sociais pessoais dos adolescentes sejam compostas, principalmente, pela família, pelos amigos, pelos colegas de escola e pelos professores (Antunes & Fontaine, 2005; Bravo & Del Valle 2003; Del Valle & Bravo, 2000).

À semelhança do que foi descrito anteriormente também as redes sociais pessoais dos jovens acolhidos são constituídas por familiares, amigos, colegas e professores (Mota & Matos, 2008; Siqueira & Dell'Aglio, 2006), sendo que se verifica também a inclusão dos técnicos e funcionários das instituições, como figuras de referência (Siqueira, 2010; Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Segundo Siqueira (2010), quando estes jovens entram nas instituições, este passa a ser o seu ambiente predominante, sendo que o pessoal técnico passa a integrar as redes sociais pessoais dos jovens (Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Os técnicos das instituições constituem-se como as pessoas que disponibilizam um apoio mais próximo, proporcionando um ambiente de confiança, segurança e proteção (Siqueira & Dell'Aglio, 2010), estando capazes de dar respostas pessoais, afetivas e sociais a estes jovens (Mota & Matos, 2008). Num estudo recente, acerca das redes sociais pessoais de jovens acolhidos em diferentes instituições (Centro de Acolhimento Temporário; Lar de Infância e Juventude e Apartamento de Autonomização), Parente (2011) concluiu que as redes sociais da

população que estudou se caracterizavam por serem constituídas por aproximadamente nove pessoas, composta maioritariamente por família, amigos e técnicos da instituição e professores, com quem os jovens mantinham um contacto diário, principalmente pela maioria viver na mesma cidade que os inquiridos. Mendes (2011), no seu estudo acerca das redes sociais pessoais de jovens acolhidos e relação com a qualidade de vida dos mesmos, apurou que as redes dos jovens que constituíam a sua amostra, exprimiam características semelhantes às descritas anteriormente, neste caso as redes eram constituídas, aproximadamente por dez pessoas, compostas, maioritariamente, por familiares, amigos e técnicos da instituição que, por força de viverem na mesma cidade, mantinham um contacto, maioritariamente, diário. Relativamente ao apoio social, ambos os estudos atestam que estes jovens percebem as suas redes como fontes de apoio, apontando a família, os amigos e os técnicos da instituição e professores como aqueles que mais apoios disponibilizam. Todos os tipos de apoio foram citados por estes jovens, à exceção do apoio financeiro e técnico, importando também mencionar que os participantes de ambos os estudos, na sua maioria, assumem-se capazes de retribuir o apoio recebido (Mendes, 2011; Parente 2011). Convém, contudo, referir que ambos os estudos referidos, têm um carácter exploratório e as suas amostras têm uma dimensão reduzida, pelo que a interpretação dos seus resultados não pode ser generalizada.

Em suma, compilando os resultados dos estudos mencionados, podemos concluir que as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados se caracterizam por serem constituídas pela família, amigos, colegas e professores, sendo que esta população refere também os técnicos da instituição como figuras de referência. No que respeita o tamanho, as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados, seguem a mesma tendência da população não acolhida e são compostas por cerca de nove/dez elementos. Por fim, considerando a perceção de apoio recebido, os jovens em regime de acolhimento referem, por norma, que todos os elementos da sua rede lhes proporcionam apoio e avaliam-se como estando capazes de retribuir a ajuda recebida. Relativamente aos jovens não institucionalizados, podemos afirmar que as redes sociais pessoais destas se caracterizam por terem um tamanho de aproximadamente dez pessoas, sendo constituídas na sua maioria, por familiares, amigos, colegas e professores (por ordem hierárquica). Em termos de perceção de apoio, os jovens revelam que a família (principalmente a mãe) e os amigos são as figuras que mais ajudas proporcionam, mencionando os professores (e outros profissionais) como aqueles que menos apoios disponibilizam. Como se pode comprovar, as redes sociais pessoais dos jovens com e sem medida de acolhimento são semelhantes em termos de caracterização, independentemente dos jovens institucionalizados apresentarem, à partida, algumas fragilidades nas mesmas.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo IV- Metodologia

Neste capítulo será apresentado o desenho metodológico utilizado no presente estudo. Primeiramente serão expostos os objetivos da dissertação e respetivas questões de investigação. De seguida descrevem-se as principais características dos participantes, bem como os critérios de inclusão utilizados. Por fim, serão descritos os instrumentos utilizados, o procedimento adotado para a aplicação dos mesmos e os métodos de tratamento dos dados obtidos através da recolha.

Objetivos

Como já foi referido anteriormente, a título introdutório, esta dissertação procura cumprir os seguintes objetivos:

- a) Caracterização das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados;
- b) Comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados;
- c) Avaliação da perceção de satisfação e da dinâmica relacional dos jovens com o grupo de amigos.

Seguidamente, expõe-se as questões de investigação correspondente a cada um dos objetivos mencionados. Com o primeiro objetivo, procura-se responder às seguintes perguntas:

1. Como se caracterizam, em termos de tamanho médio, as redes sociais dos jovens institucionalizados e não institucionalizados?
2. Como é que as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e não institucionalizados se representam em termos de densidade (coesa, dispersa ou fragmentada)?
3. Qual a composição (n.º de quadrantes com elementos) das redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e não institucionalizados?
4. Como se caracterizam as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e não institucionalizados, no que respeita à dispersão (distância geográfica)?
5. Qual a perceção dos jovens institucionalizados e não institucionalizados em relação ao nível (nenhum; algum, mas não o suficiente; suficiente) de apoios recebidos (emocional, financeiro, instrumental, técnico, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia e regulação social) pela rede em geral e por quadrante?

6. Em termos de multidimensionalidade (quantidade de apoios disponibilizados pelos membros da rede), como se caracterizam as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e não institucionalizados?
7. Como se caracterizam, ao nível da reciprocidade (apoio dado pelos jovens aos elementos que integram a rede), as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e não institucionalizados?
8. Qual é a frequência de contactos que os jovens institucionalizados e não institucionalizados mantêm com os membros da sua rede?
9. Como se caracteriza o quadrante “Amizades” no que respeita às dimensões mencionadas?

Relativamente ao segundo objetivo, pretende-se dar resposta a:

1. As redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados são semelhantes às dos jovens não institucionalizados, no que se refere ao tamanho?
2. Em termos de densidade, as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados seguem a mesma tendência das dos jovens não institucionalizados?
3. Comparando a composição das redes sociais pessoais, as dos jovens institucionalizados diferem das dos jovens não institucionalizados?
4. Relativamente à dispersão, as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados são iguais às dos jovens não institucionalizados?
5. Em relação ao nível de apoio recebido, as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados diferem das dos jovens não institucionalizados?
6. No respeitante à dimensão multidimensionalidade, as redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e as dos jovens não institucionalizados são semelhantes?
7. As redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados e as dos jovens não institucionalizados são diferentes ao nível da reciprocidade?
8. Os jovens institucionalizados mantêm a mesma frequência de contactos com os membros da sua rede que os jovens não institucionalizados?
9. Quais são as diferenças/semelhanças destas dimensões no quadrante “Amizades”?

Por fim, no terceiro objetivo, pretende-se aferir acerca de:

1. Qual é o nível de satisfação global dos jovens institucionalizados e não institucionalizados, com o grupo de amigos
2. Como é que os jovens institucionalizados e não institucionalizados avaliam e descrevem a sua dinâmica relacional com o grupo de amigos?

Grupo de estudo/Amostra

Tendo em conta o carácter comparativo desta dissertação, os participantes do mesmo estão distribuídos em dois grupos: Grupo I - Jovens institucionalizados e Grupo II - Jovens

não institucionalizados. Para a inclusão neste estudo, as participantes, de ambos os grupos, deviam respeitar os seguintes critérios: idade compreendida entre os 12 e os 18 anos (inclusive) e não ter limitações cognitivas que pudessem influenciar o preenchimento dos instrumentos aplicados. Após esta seleção, conseguiu-se uma amostra constituída por 50 participantes, sendo 25 do Grupo I e 25 do Grupo II. Relativamente à idade, no Grupo I a média é de 15,2 (DP = 1,71) e no Grupo II a idade média é de 15,3 (DP = 1,91), sendo que em ambos a idade mínima é de 12 anos e a máxima de 18. Em termos de escolaridade, os jovens institucionalizados frequentam, na maioria, o 3º Ciclo (44%) e os jovens não institucionalizados têm, maioritariamente, um grau de instrução ao nível do Ensino Secundário (48%). Os sujeitos de ambos os grupos são do sexo feminino.

Instrumentos

Para a condução deste estudo e com a finalidade de se recolherem os dados necessários para responder aos objetivos supracitados, utilizaram-se os seguintes instrumentos: Inventário de Análise da Rede Social Pessoal - Revisto (IARSP-R adaptado por Alarcão; Abreu & Sousa, 2003), Mapa de Rede Social Pessoal (versão adaptado de Alarcão & Sousa, 2007) e um Questionário sobre as Relações com os Amigos (questionário desenhado e construído para responder, exclusivamente, aos propósitos do presente estudo).

O Inventário de Análise da Rede Social Pessoal - Revisto, é um instrumento de autorresposta, constituído por três partes, cuja finalidade é a identificação e caracterização da rede social pessoal do indivíduo, no que se refere às características estruturais, funcionais e atributos do vínculo. A primeira parte, folha de rosto, inclui a identificação (através de um código), os objetivos do instrumento, as instruções de preenchimento e a informação demográfica (idade, escolaridade, profissão, período de institucionalização e zona de residência anterior à institucionalização). Importa referir que, nos questionários do Grupo II (jovens não institucionalizados) foi omitida a informação referente ao período de institucionalização e zona de residência anterior à institucionalização, por não se aplicar. Na segunda parte, é pedido ao indivíduo que identifique as pessoas significativas com quem contactou nos últimos seis meses, identificando de seguida, para cada uma delas, as características que se prendem com categoria em que se inserem (família; amigos; colegas de estudo/trabalho; vizinhos; instituições/profissionais), o tipo de relação que é estabelecida (positiva ou negativa/conflictiva), a sua idade, a profissão, a frequência de contactos com a pessoa focal (escala de Lickert de cinco pontos, variando entre o 1 - diariamente e o 5 - algumas vezes por ano), a distância geográfica a que se encontra (escala de Lickert de cinco pontos, variando entre o 1 - na mesma casa e o 5 - a mais de 50Km), o apoio que disponibiliza ao sujeito e o apoio que o indivíduo focal oferece a essa pessoa (ambas com

uma escala de Lickert de três pontos, variando entre o 1 - nenhum e o 3 - suficiente). Na terceira e última parte é pedido ao participante que preencha o mapa de rede social.

O Mapa de Rede Social Pessoal é constituído por quatro quadrantes (Família; Amizades; Relações de Trabalho; Relações Comunitárias), no qual o participante inclui as pessoas significativas, naquele que corresponde à categoria da relação estabelecida (ver figura 2), posicionando-as tendo em conta o grau de proximidade que tem com cada uma delas (maior proximidade quanto mais perto se encontra em relação ao centro). Neste mapa, também deve estar incluída a informação relativa às pessoas da rede que se conhecem entre si e tipo (positiva ou negativa) de relação que possuem. Assim sendo, o Mapa de Rede Social, permite aferir acerca da densidade (coesa, fragmentada ou dispersa) e distribuição (por quadrante e proximidade) da rede social pessoal do indivíduo.

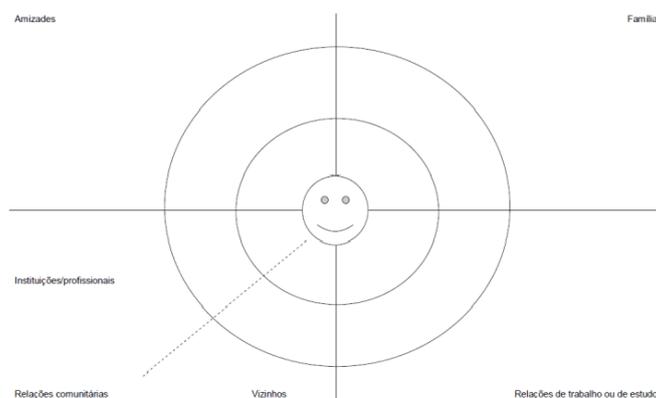


Figura 2 - Mapa de Rede Social

O Questionário sobre as Relações com os Amigos, como já foi referido acima, foi desenhado e construído exclusivamente para dar resposta aos propósitos desta dissertação. Tendo como referência um dos objetivos desta tese (avaliação da perceção de satisfação e da dinâmica relacional com o grupo de amigos), primeiramente, foi feita uma análise para verificar a existência de questionários que aquilatassem as dimensões requeridas, o que não se verificou, pelo que se procedeu, então, à construção, de raiz, de um questionário capaz de avaliar os pressupostos definidos. Assim sendo, o Questionário sobre as Relações com os Amigos é um instrumento que mede a perceção de satisfação e da dinâmica relacional com o grupo de amigos, sendo constituído por 36 questões, respondidas através de uma escala de Lickert de cinco pontos (1 - Discordo completamente; 2 - Discordo; 3 - Concordo; 4 - Concordo completamente e 5 - Não tenho opinião), com exceção da última questão (“De um modo geral, estou satisfeito com a relação que tenho com os meus amigos”) cuja escala de resposta é Sim/Não ou Sem opinião. Este questionário foi construído e desenhado, tendo como racional teórico as características das redes sociais pessoais, nomeadamente as estruturais e funcionais e as de atributos do vínculo. Por fim,

importa referir que foi realizado um estudo piloto (4 participantes, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, inclusive), com o intuito de se verificar a pertinência e adequação das questões realizadas, procedendo-se, posteriormente a algumas alterações relacionadas com a explicitação da linguagem utilizada. Importa também referir, que para efeitos de análise de dados, as questões serão agrupadas em quatro categorias (Perceção de satisfação com a relação de amizade; Perceção dos ganhos inerentes à relação de amizade; Perceção das exigências pessoais inerentes à relação de amizade; Características demográficas da relação.) e analisadas conjuntamente, de modo a se conseguir obter resultados que respondam ao que se pretende avaliar com este instrumento (satisfação e dinâmica relacional). No quadro abaixo, expõe-se a divisão das questões por dimensão.

Categoria	Questão
Perceção de satisfação com a relação de amizade.	<p>1.1 Gostava de ter mais amigos do que os que tenho.</p> <p>1.2 Acho que o número de pessoas que faz parte do meu grupo de amigos é suficiente.</p> <p>2.1 Gostava que os meus amigos conhecessem melhor a minha família.</p> <p>2.2 Gostava que os meus amigos se conhecessem melhor entre si</p> <p>2.3 Gostava que os meus amigos conhecessem melhor as pessoas que são importantes para mim.</p> <p>3.1 Gostava que os meus amigos vivessem mais perto</p> <p>3.3 Não estar/falar com os meus amigos todos os dias não me incomoda.</p> <p>4.2 Gostava de ter mais adultos significativos para mim.</p> <p>7.1 Não tenho pessoas em quem confio incondicionalmente</p> <p>9. O tempo que passo com os meus amigos é suficiente.</p> <p>10.1 De um modo geral, estou satisfeito com a relação que tenho com os meus amigos.</p>
Perceção dos ganhos inerentes à relação de amizade	<p>5.1 Realizar atividades com os meus amigos é importante para mim.</p> <p>5.2 Sinto-me compreendido e apoiado:</p> <p>a) por todos os meus amigos</p> <p>b) por alguns dos meus amigos</p> <p>c) por todos os adultos</p> <p>d) por alguns adultos</p> <p>5.3 Os meus amigos ajudam-me a ser uma pessoa melhor</p> <p>5.4 Os meus amigos não têm grande influência no meu comportamento</p> <p>5.5 Os meus amigos não têm mais conhecimentos (ex.: na escola) do que eu, pelo que quando preciso de ajuda recorro a outras pessoas.</p> <p>5.6 Os meus amigos não têm mais meios materiais (ex.: dinheiro) do que eu, pelo que quando preciso de ajuda recorro a outras pessoas.</p> <p>6.1 Conheço pessoas novas através dos meus amigos.</p> <p>6.2 Conheço sítios novos através dos meus amigos.</p> <p>7.2 As pessoas em quem confio incondicionalmente fazem parte do meu grupo de pares (amigos).</p> <p>7.3 As pessoas em quem confio incondicionalmente são adultos.</p>
Perceção das exigências pessoais inerentes à relação de amizade.	<p>8. Os meus amigos sabem que podem contar comigo para:</p> <p>a) Partilhar tarefas com eles</p> <p>b) Lhes dar apoio emocional quando precisam</p> <p>c) Lhes dar opiniões sobre as suas vidas e os seus comportamentos</p> <p>d) Mobilizar os contactos que tenho de pessoas ou serviços para os ajudar</p> <p>e) Os apoiar pondo ao seu dispor os meus bens materiais ou o que sei fazer e conheço</p>
Características demográficas da relação.	<p>3.2 O facto de alguns dos meus amigos viverem longe de mim não me impede de falar com eles quando quero.</p> <p>4.1 As pessoas mais importantes para mim têm mais ou menos a minha idade.</p> <p>4.3 Para mim não é importante que os meus amigos sejam rapazes ou raparigas.</p> <p>4.4 Prefiro ter amigos do mesmo sexo que eu.</p> <p>4.5 Quando as pessoas têm níveis de escolaridade muito diferentes é mais difícil serem amigos.</p> <p>4.6 Se os meus amigos tiverem mais possibilidades financeiras (ex.: mais dinheiro) do que eu, sinto-me inferiorizado.</p> <p>4.7 Pessoas com ideias, objetivos e percursos de vida muito diferentes podem ser boas amigas.</p>

Quadro 1 - Divisão das questões por categoria

Procedimento

As instituições de proteção de menores e os clubes desportivos, foram, primeiramente, contactadas via correio eletrónico, e posteriormente foi agendada uma reunião primária com o(s) psicólogo(s) ou com um responsável, de cada instituição e clube, com o intuito de explicar o objetivo da investigação e instrumentos a ser utilizados, esclarecer dúvidas existentes e de se preparar a recolha dos dados, nomeadamente a marcação das datas para a mesma. Os jovens preencheram todos os questionários, em ambiente calmo e individualmente (estando na sala apenas 1 participante de cada vez e a investigadora) tendo sido avisados que a confidencialidade e anonimato dos dados estavam assegurados. Por fim, é importante referir que o modo de preenchimento dos instrumentos foi explicado individualmente à medida que os mesmos iam sendo preenchidos, de modo a conseguir ser-se o mais claro e objetivo possível na instrução.

Nota: No grupo de jovens não institucionalizadas, foi dada a indicação, para que, se colocassem pessoas afetas ao clube (treinador, dirigentes...) na sua rede, e se as mesmas não se incluissem em mais nenhum quadrante, então deveriam colocá-las no quadrante “Instituição”

Tratamento de dados

Para análise e tratamento dos dados obtidos recorreu-se ao programa estatístico IBM® SPSS® (versão 19.0), tendo sido realizadas análises de estatística descritiva e inferencial.

Capítulo V - Apresentação de resultados

Caracterização das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas.

Características estruturais

O **tamanho** médio das redes sociais pessoais das jovens institucionalizadas é de 11,56 (DP = 5,4) elementos, sendo que no mínimo são compostas por 5 pessoas e no máximo 21. No total, as 25 participantes identificaram 290 pessoas significativas, que na sua maioria foram inseridas no quadrante família (45,52%), seguido do dos amigos (45,17%), instituição (8,28%) e colegas (1,03%), como se pode verificar

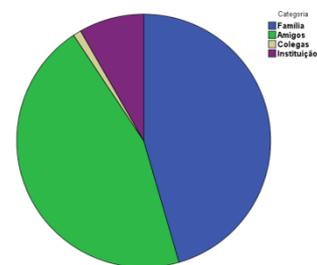


Gráfico 1: Composição (jovens institucionalizadas)

no gráfico 1. Em relação à **composição** (número de quadrantes com elementos) da rede, no mínimo as jovens referem um quadrante e no máximo quatro, sendo o valor médio de 2,28 (DP = ,678).

Relativamente à **densidade**, as redes sociais pessoais destas jovens são, maioritariamente, coesas (52%) ou fragmentadas, sendo que apenas uma das participantes descreve a sua rede como dispersa (4%). Quanto à **dispersão** (distância geográfica da residência dos elementos da rede), as jovens institucionalizadas referem que a maioria das pessoas significativas residem num raio de distância até 50 Km (52%), seguido da mesma terra/cidade (28%), mesma casa (12%) e mesma rua (8%). Na tabela seguinte são descritos os resultados médios referentes à dispersão por quadrante:

	Na mesma casa	Na mesma rua	Na mesma terra	Até 50 Km	Mais de 50 Km
Família	12%	8%	28%	40%	8%
Amigos	18%	32%		32%	12%
Instituição	25%		50%	25%	
Colegas				100%	

Tabela 1: Valores médios de dispersão por quadrante (jovens institucionalizadas)

Características funcionais

Relativamente à perceção do nível (Nenhum; Algum; Suficiente) de apoio recebido, a tabela abaixo engloba os resultados globais e por quadrante (em %).

	Rede			Família			Amigos			Colegas			Instituição		
	Nenhum	Algum	Suficiente	Nenhum	Algum	Suficiente	Nenhum	Algum	Suficiente	Nenhum	Algum	Suficiente	Nenhum	Algum	Suficiente
Emocional	4	8	88	4,2	8,3	87,5	4,2	4,2	91,7	-	-	100	-	-	100
Financeiro	32	28	48	33,3	29,2	37,5	45,8	25	25	-	100	-	37,5	25	37,5
Instrumental	16	32	52	20,8	29,2	50	20,8	37,5	41,7	-	-	100	-	12,5	87,5
Técnico	44	20	36	45,8	25	29,2	41,7	33,3	25	-	100	-	12,5	-	87,5
Aconselhamento	-	8	92	8,3	12,5	79,2	-	12,5	87,5	-	-	100	-	-	100
Contactos	-	20	80	20,8	20,8	58,4	4,2	25	70,8	-	-	100	-	-	100
Companhia	-	12	88	-	20,8	79,2	4,2	12,5	83,3	-	-	100	-	12,5	87,5
Regulação	8	12	80	8,3	16,7	75	8,4	20,8	70,8	-	-	100	-	-	100

Tabela 2: Nível de apoio recebido (Jovens institucionalizadas)

Temos então que, relativamente aos dados gerais da rede, a) - o nível de apoio emocional é percecionado como suficiente (87,5%); b) - o nível de apoio financeiro é avaliado como suficiente (37,5%); c) - o nível de apoio instrumental é percebido como suficiente (50%); d) - o nível de apoio técnico é compreendido como insuficiente (45,8%); e) - o nível de aconselhamento é mencionado como suficiente (79,2%); f) - o nível de acesso a novos contactos é referido como suficiente (58,4%); g) - o nível de companhia social é exposto como suficiente (79,2%); h) - o nível de regulação social é apresentado como suficiente (75%).

O nível de apoio fornecido pelos membros da família reflete que, a) - o nível de apoio emocional é percebido como suficiente (87,5%); b) - o nível de apoio financeiro é avaliado como suficiente (37,5%); c) - o nível de apoio instrumental é percebido como suficiente (50%); d) - o nível de apoio técnico é compreendido como inexistente (45,8%); e) - o nível de aconselhamento é mencionado como suficiente (79,2%); f) - o nível de acesso a novos contactos é referido como suficiente (58,4%); g) - o nível de companhia social é exposto como suficiente (79,2%); h) - o nível de regulação social é apresentado como suficiente (75%).

Os amigos, são percebidos por estas jovens como proporcionando apoio na seguinte medida, a) - o nível de apoio emocional é percebido como suficiente (91,7%); b) - o nível de apoio financeiro é avaliado como inexistente (45,8%), c) - o nível de apoio instrumental é percebido como suficiente (41,7%); d) - o nível de apoio técnico é compreendido como inexistente (41,7%); e) - o nível de aconselhamento é mencionado como suficiente (87,5%); f) - o nível de acesso a novos contactos é referido como suficiente (70,8%); g) - o nível de companhia social é exposto como suficiente (83,3%); h) - o nível de regulação social é apresentado como suficiente (70,8%).

Os dados relativos ao apoio fornecido pelos colegas espelham que, a) - o nível de apoio emocional, instrumental, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social, é percebido a 100% como suficiente; b) - o nível de apoio financeiro e técnico é avaliado, também a 100%, numa escala intermédia (algum).

Por último, os dados dos membros da Instituição, retratam que, a) - o nível de apoio emocional, de aconselhamento, de acesso a novos contactos e de regulação social, é exposto como suficiente (100% para todos); b) - o nível de apoio financeiro é avaliado tanto como suficiente (37,5%), como inexistente (37,5%); c) - o nível de apoio instrumental, técnico e de regulação social, é percebido como suficiente (87,5% para todos)

Atributos do vínculo

O nível médio de **multidimensionalidade** (número de apoios fornecidos em simultâneo) da rede, é de 7,4 (DP = 1,82) apoios. A família fornece em média 7 (DP = 1,02) apoios, os amigos 6,83 (DP = 1,13) apoios, os colegas 7 (DP = 0) apoios e os membros da instituição disponibilizam em média 7,38 (DP = .51) apoios.

Relativamente à **frequência de contactos** que estas jovens mantêm com os elementos da sua rede, na sua maioria, tem uma cadência diária (56%). Com a família, a frequência de contactos é, maioritariamente, semanal (37,5%), com os amigos é, usualmente, diária (50%), o contacto com os colegas e com os membros da instituição foram relatados como acontecendo, também, diariamente (100%).

Quanto à **reciprocidade**, as jovens institucionalizadas avaliam-se como estando capazes de fornecer muito apoio (72%) aos membros da sua rede, o mesmo é verificado quando analisados os dados referentes à família (70,8%), aos amigos (70,8%) e aos colegas (100%), sendo que, na maioria as jovens percecionam-se como não fornecendo apoio aos membros da instituição (50%).

Uma vez que esta investigação procura estudar, especificamente, o grupo de amigos, apresenta-se de seguida uma síntese dos resultados, anteriormente referidos, respeitantes ao quadrante Amizades:

Tamanho	5,24 (DP=4,02)	Apoio Técnico	Nenhum (41,7%)
Idade	17,21 (DP=4,17)	Aconselhamento	Suficiente (87,5%)
Sexo	Feminino (64%)	Acesso a novos contactos	Suficiente (70,8%)
Tipo de relação	Positiva (96%)	Companhia social	Suficiente (83,3%)
Dispersão	Na mesma rua (32%)	Regulação social	Suficiente (70,8%)
	Até 50Km (32%)	Reciprocidade	Dou muito apoio (70,8%)
Apoio Emocional	Suficiente (91,7%)	Multidimensionalidade	6,83 (DP=1,13)
Apoio Financeiro	Nenhum (45,8%)	Frequência de contactos	Diariamente (50%)
Apoio Instrumental	Suficiente (41,7%)		

Tabela 3: Características do quadrante Amizades (jovens institucionalizadas)

Caracterização das redes sociais pessoais de jovens não institucionalizadas.

Características estruturais

O **tamanho** médio das redes sociais pessoais das jovens não institucionalizadas é de 8,88 (DP = 3,81) elementos, sendo que no mínimo são compostas por 3 pessoas e no máximo 16. No total, as 25 participantes identificaram 221 pessoas significativas, que na sua maioria foram inseridas no quadrante amigos (50,68%), seguido do da família (42,53%), instituição (4,52%), colegas (1,82%) e vizinhos (0,54%), como se pode verificar no gráfico 2. Em relação à **composição** (número de quadrantes com elementos) da rede, no mínimo as jovens referem um quadrante e no máximo quatro, sendo o valor médio de 2,28 (DP = ,843).

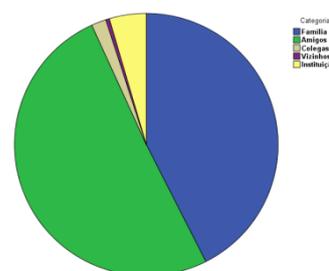


Gráfico 2: Composição (jovens não institucionalizadas)

Relativamente à **densidade**, as redes sociais pessoais destas jovens são, maioritariamente, coesas (72%) ou fragmentadas (24%), sendo que apenas uma das participantes descreve a sua rede como dispersa (4%). Quanto à **dispersão** (distância geográfica da residência dos elementos da rede), as jovens não institucionalizadas referem que a maioria das pessoas significativas reside na mesma terra/cidade (72%), seguido da

mesma casa (20%) e num raio de até 50 Km (8%). Na tabela seguinte são descritos os resultados médios referentes à dispersão por quadrante:

	Na mesma casa	Na mesma rua	Na mesma terra	Até 50 Km	Mais de 50 Km
Família	82,6%	4,3%	8,7%	4,3%	
Amigos	4,5%	4,5%	81,8%	9,1%	
Instituição			62,5%	12,5%	25%
Colegas		33,3%	66,7%		
Vizinhos		100%			

Tabela 4: Valores médios de dispersão por quadrante (jovens não institucionalizadas)

Características funcionais

As características funcionais, dizem respeito, à perceção de apoio recebido, a tabela seguinte reúne os resultados globais e por quadrante (em %).

		Rede	Família	Amigos	Colegas	Vizinhos	Instituição
Emocional	Nenhum	-	-	-	-	-	-
	Algum	-	-	-	33,3	-	-
	Suficiente	100	100	100	66,7	100	100
Financeiro	Nenhum	44	13	50	33,3	-	100
	Algum	-	8,7	13,6	33,3	100	-
	Suficiente	56	78,3	36,3	33,3	-	-
Instrumental	Nenhum	8	4,3	9,1	-	-	62,5
	Algum	52	26,1	68,2	66,7	-	25
	Suficiente	40	69,7	22,7	33,3	100	12,5
Técnico	Nenhum	24	17,4	31,8	-	-	25
	Algum	52	34,8	50	66,7	100	62,5
	Suficiente	24	47,8	18,2	33,3	-	12,5
Aconselhamento	Nenhum	-	-	-	-	-	-
	Algum	-	4,3	-	66,7	100	75
	Suficiente	100	95,7	100	33,3	-	25
Contactos	Nenhum	-	4,3	9,1	-	-	-
	Algum	28	34,8	18,2	33,3	100	75
	Suficiente	72	60,9	72,7	66,7	-	25
Companhia	Nenhum	-	-	-	-	-	25
	Algum	8	8,7	4,5	-	-	62,5
	Suficiente	92	91,3	95,5	100	100	12,5
Regulação	Nenhum	4	4,3	4,5	-	-	-
	Algum	36	13	50	66,7	100	100
	Suficiente	60	82,6	45,5	33,3	-	-

Tabela 5: Nível de apoio recebido (Jovens institucionalizadas)

Temos então que, relativamente aos dados gerais da rede, a) - o nível de apoio emocional é percecionado como suficiente (100%); b) - o nível de apoio financeiro é avaliado como suficiente (56%); c) - o nível de apoio instrumental é percebido numa escala intermédia (algum) (52%); d) - o nível de apoio técnico é compreendido numa escala intermédia (algum) (52%); e) - o nível de aconselhamento é mencionado como suficiente (100%); f) - o nível de acesso a novos contactos é referido como suficiente (72%); g) - o nível de companhia social é exposto como suficiente (92%); h) - o nível de regulação social é apresentado como suficiente (60%).

O nível de apoio fornecido pelos membros da família reflete que, a) - o nível para todos os apoios é suficiente - apoio emocional (100%), apoio financeiro (78,3%), apoio

instrumental (69,6%), apoio técnico (47,8%), aconselhamento é mencionado (95,7%), acesso a novos contactos (60,9%), companhia social (91,3%) e regulação social (82,6%).

Os amigos, são percecionados por estas jovens como proporcionando apoio na seguinte medida, a) - o nível de apoio emocional é percecionado como suficiente (100%); b) - o nível de apoio financeiro é avaliado como inexistente (50%); c) - o nível de apoio instrumental é percebido numa escala intermédia (algum) (68,2%); d) - o nível de apoio técnico é compreendido numa escala intermédia (algum) (50%); e) - o nível de aconselhamento é mencionado como suficiente (100%); f) - o nível de acesso a novos contactos é referido como suficiente (72,7%); g) - o nível de companhia social é exposto como suficiente (95,5%); h) - o nível de regulação social é apresentado numa escala intermédia (50%).

Os dados relativos ao apoio fornecido pelos colegas espelham que, a) - o nível de apoio emocional, de acesso a novos contactos e de regulação social, é exposto como suficiente (66,7 % e 100% respetivamente); b) - o nível de apoio instrumental, técnico, de aconselhamento e de regulação social é avaliado numa escala intermédia (algum) (66,7%, para todos); c) - o apoio financeiro pontua, de igual modo (33,3%), em toda a escala (nenhum, algum e suficiente).

No que respeita os vizinhos, os dados dizem que, a) - o nível de apoio emocional, instrumental e de companhia social é percecionado como suficiente (100% para todos); b) - o nível de apoio financeiro, técnico, de aconselhamento, de acesso a novos contactos e de regulação social é mencionado numa escala intermédia (algum) (100% para todos).

Por último, os dados dos membros da Instituição, retratam que, a) - o nível de apoio emocional, é exposto como suficiente (100%); b) - o nível de apoio financeiro e instrumental é avaliado como inexistente (100% e 62,5% respetivamente); c) - as jovens percebem, numa escala intermédia (algum), o apoio técnico (62,5%), de aconselhamento (75%), de acesso a novos contactos (75%), de companhia social (62,5%) e de regulação social (100%).

Atributos do vínculo

Quanto à **multidimensionalidade** (número de apoios fornecidos em simultâneo) a rede disponibiliza em média 7,24 (DP = .597) apoios. A família fornece em média 7,43 (DP = .896) apoios, os amigos 7,05 (DP = .785) apoios, os colegas 7 (DP= 0) apoios, os vizinhos 8 (DP = 0) apoios e os membros da instituição disponibilizam em média 5,75 (.886) apoios.

No que se refere à **frequência de contactos** que estas jovens mantêm com os elementos da sua rede, na sua maioria, tem uma cadência diária (64%). Com a família (82,6%) e com os amigos (50%), as jovens não institucionalizadas, afirmam manter um contacto diário, o contacto com os colegas (100%) e com os membros da instituição (50%)

foram relatados como acontecendo, semanalmente e com os vizinhos o contacto acontece algumas vezes por mês (100%).

Quanto à reciprocidade, as jovens não institucionalizadas avaliam-se como estando capazes de fornecer muito apoio (88%) aos membros da sua rede, o mesmo é verificado quando analisados os dados referentes à família (91,3%), aos amigos (86,4%) e aos colegas (66,7%) sendo que, na maioria as jovens percebem-se como fornecendo algum apoio aos vizinhos (100%) e aos membros da instituição (100%).

À semelhança do que aconteceu quando se expôs os resultados de caracterização das redes sociais pessoais das jovens institucionalizadas, apresenta-se de seguida uma síntese dos resultados, anteriormente referidos, respeitantes ao quadrante Amizades:

Tamanho	4,48 (DP=2,92)	Apoio Técnico	Algum (50%)
Idade	15,8 (DP=2,05)	Aconselhamento	Suficiente (100%)
Sexo	Feminino (63,6%)	Acesso a novos contactos	Suficiente (72,7%)
Tipo de relação	Positiva (100%)	Companhia social	Suficiente (95,5%)
Dispersão	Na mesma terra (81,8%)	Regulação social	Algum (50%)
Apoio Emocional	Suficiente (100%)	Reciprocidade	Dou muito apoio (86,4%)
Apoio Financeiro	Nenhum (50%)	Multidimensionalidade	7,05 (DP=,785)
Apoio Instrumental	Algum (68,2%)	Frequência de contactos	Diariamente (50%)

Tabela 6: Características do quadrante Amizades (jovens não institucionalizadas)

Comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados.

Para efeitos comparativos, serão analisados os dados referentes à rede, no geral, e ao quadrante Amizades, em específico, sendo que foram comparadas as seguintes dimensões: tamanho, composição (exceto no quadrante Amizade), dispersão, densidade (exceto no quadrante Amizades), frequência de contactos, apoio emocional, apoio financeiro, apoio instrumental, apoio técnico, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social, regulação social, reciprocidade e multidimensionalidade.

Rede

	Grupo 1 (Média)	Grupo 2 (Média)	df	t
Tamanho	11,56	8,88	48	2,03*
Composição	2,28	2,28	48	.000
Multidimensionalidade	7,80	7,40	48	.739*
	Grupo 1 (Ordem média)	Grupo 2 (Ordem Média)	U	
Densidade	23,10	27,90	252,50	
Dispersão	30,90	20,10	177,50**	
Frequência de contactos	25,90	25,10	302,50	

Apoio Emocional	24,00	27,00	275*
Apoio Financeiro	26,16	24,84	296
Apoio Instrumental	26,00	25,00	300
Apoio Técnico	24,56	26,44	289
Aconselhamento	24,50	26,50	287,50
Acesso novos contactos	27,68	23,32	258
Companhis Social	24,06	26,94	276,50
Regulação Social	26,71	23,36	259
Reciprocidade	26,32	24,68	292

(*p ≤ 0,05; **p ≤ 0,01; *p ≤ 0,1)

Tabela 7 - Resultados Testes de Diferenças (Teste t para amostras independentes e Mann-Whitney) - Rede

Tamanho: existem diferenças estatisticamente significativas ($t(48)=2.03$, $p=.024$) ao nível do tamanho da rede das jovens institucionalizadas e não institucionalizadas. As jovens institucionalizadas descrevem uma rede social pessoal maior do que aquela apresentada pelas jovens não institucionalizadas.

Composição: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre os dois grupos, ao nível da dimensão composição ($t(48) = .00$, $p = .274$).

Densidade: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre os dois grupos, ao nível da densidade ($U = 252.50$, $p = .171$).

Dispersão: existem diferenças estatisticamente significativas ($U = 177.50$, $p = .004$) ao nível da dispersão da rede das jovens institucionalizadas e não institucionalizadas. As jovens institucionalizadas descrevem uma maior dispersão do que aquela apresentada pelas jovens não institucionalizadas.

Apoio Emocional: existe uma diferença marginalmente significativa ao nível da perceção de apoio emocional recebido ($U = 275$, $p = .077$). As jovens não institucionalizadas percebem este tipo de apoio de forma mais efetiva do que as jovens institucionalizadas.

Apoio Financeiro: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre os grupos, ao nível da perceção de apoio financeiro ($U = 296$, $p = .726$).

Apoio Instrumental: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, ao nível da perceção de apoio instrumental ($U = 300$, $p = .794$).

Apoio Técnico: não existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da perceção de apoio técnico ($U = 289$, $p = .629$).

Aconselhamento: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre as jovens, ao nível da perceção do aconselhamento ($U = 287.50$, $p = .153$).

Acesso a novos contactos: não existem diferenças estatisticamente significativas, nos 2 grupos, ao nível da perceção do acesso a novos contactos ($U = 258$, $p = .189$).

Companhia Social: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, ao nível da perceção de companhia social (U = 276.50, p = .189).

Regulação Social: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre os 2 grupos, ao nível da perceção de regulação social (U = 259, p = .300).

Frequência de contactos: não existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da frequência de contactos (U = 302.50, p = .823), entre os grupos.

Reciprocidade: não existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da reciprocidade (U = 292, p = .589) entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas.

Multidimensionalidade: existe uma diferença marginalmente significativa ($t(48) = .739$, p = .091) ao nível da multidimensionalidade, nos dois grupos. O número de apoios simultâneos disponibilizados pelas redes das jovens institucionalizadas é maior que no grupo das jovens não institucionalizadas.

Quadrante Amizades

	Grupo 1 (Média)	Grupo 2 (Média)	df	t
Tamanho	5,24	4,48	48	,765 ⁺
Multidimensionalidade	7,36	7,16	48	,263

	Grupo 1 (Ordem média)	Grupo 2 (Ordem Média)	U
Dispersão	29,78	21,22	205,50*
Frequência de contactos	27,70	23,30	257,50
Apoio Emocional	25,62	25,38	309,50
Apoio Financeiro	27,10	23,90	272,50
Apoio Instrumental	28,36	22,64	241
Apoio Técnico	27,66	23,34	258,50
Aconselhamento	25,18	25,82	304,50
Acesso novos contactos	26,46	24,54	288,50
Companhis Social	26,06	24,94	298,50
Regulação Social	29,46	21,54	213,50*
Reciprocidade	24,86	26,14	296,50

(*p ≤ 0,05; ⁺p ≤ 0,1)

Tabela 8 - Resultados Testes de Diferenças (Teste t para amostras independentes e Mann-Whitney) - Quadrante Amizades

Tamanho: existem diferenças marginalmente significativas ($t(48) = .765$, p = .070) ao nível do tamanho do quadrante amizades, das jovens institucionalizadas e não institucionalizadas. As jovens institucionalizadas apontam um maior número de amigos do que as jovens não institucionalizadas.

Dispersão: existem diferenças estatisticamente significativas ($U = 205.50$, $p = .024$) ao nível da dispersão da rede das jovens institucionalizadas e não institucionalizadas. As jovens institucionalizadas descrevem uma maior dispersão do que aquela apresentada pelas jovens não institucionalizadas.

Apoio Emocional: não existem diferenças estatisticamente significativas, nos 2 grupos, ao nível da percepção de apoio emocional ($U = 309.50$, $p = .918$)

Apoio Financeiro: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre os grupos, ao nível da percepção de apoio financeiro ($U = 227.50$, $p = .411$).

Apoio Instrumental: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, ao nível da percepção de apoio instrumental ($U = 241$, $p = .104$).

Apoio Técnico: não existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da percepção de apoio técnico ($U = 258.50$, $p = .276$).

Aconselhamento: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre as jovens, ao nível da percepção do aconselhamento ($U = 304.50$, $p = .797$).

Acesso a novos contactos: não existem diferenças estatisticamente significativas, nos 2 grupos, ao nível da percepção do acesso a novos contactos ($U = 288.50$, $p = .579$).

Companhia Social: não existem diferenças estatisticamente significativas, entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, ao nível da percepção de companhia social ($U = 298.50$, $p = .685$).

Regulação Social: existem diferenças estatisticamente significativas, entre os 2 grupos, ao nível da percepção de regulação social ($U = 213.50$, $p = .033$). As jovens institucionalizadas percebem este apoio de forma mais efetiva do que as jovens não institucionalizadas.

Frequência de contactos: não existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da frequência de contactos ($U = 257.50$, $p = .258$), entre os grupos.

Reciprocidade: não existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da reciprocidade ($U = 296.50$, $p = .694$) entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas.

Multidimensionalidade: não existem diferenças estatisticamente significativa ($t(48) = .203$, $p = .689$) ao nível da multidimensionalidade, nos dois grupos.

Questionário de avaliação da relação com os amigos

Percepção de satisfação com a relação de amizade

Relativamente às questões relacionadas com os níveis de satisfação relacional (ver Quadro 1), a tabela seguinte compila os resultados obtidos:

	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2
1.1	24	-	8	16	40	44	8	24	20	16
1.2	8	-	8	8	32	60	44	24	8	8
2.1	8	12	20	24	36	32	24	16	12	16
2.2	4	-	4	12	32	48	52	40	8	-
2.3	4	8	16	8	28	48	44	28	8	8
3.1	12	4	4	4	28	56	48	28	8	8
3.3	24	20	32	40	20	32	24	8	-	-
4.2	16	8	24	40	32	28	16	12	12	12
7.1	33	8	23	68	16	12	16	4	12	8
9	16	-	24	12	44	80	16	8	-	-
	Sim		Não		Sem opinião					
10.1	84	100	8	-	8	-				

Tabela 9: Percepção da satisfação com a relação de amizade (%)

Analisando os dados da tabela 9, tanto para o grupo das jovens institucionalizadas, como para o grupo das jovens não institucionalizadas, podemos afirmar que, a) - as adolescentes gostavam de ter mais amigos (G1 - 40% G2 - 44%); b) - não obstante, estão satisfeitas com o número de amigos que compõe o seu grupo (G1 - 44% G2 - 60%); c) - gostavam que os seus amigos conhecessem melhor a sua família (G1 - 36% G2 - 32%) e que se conhecessem melhor entre si (G1 - 52% G2 - 48%), d) - gostavam de viver mais perto dos seus amigos (G1 - 48% G2 - 56%); e) - é um incômodo para as jovens não manterem contato com o grupo (G1 - 32% G2 - 40%); f) - reconhem ter pessoas em quem confiam incondicionalmente (G1 - 33% G2 - 68%); g) - estão satisfeitas com o tempo que passam com o seu grupo de amigos (G1 - 44% G2 - 80%), e h) - no geral avaliam a sua relação como satisfatória (G1 - 84% G2 - 100%). O único ponto em que os resultados dos dois grupos diferem, é na necessidade de inclusão de adultos no seu grupo, sendo que as jovens institucionalizadas afirmam estar satisfeitas com o número de adultos com os quais se relacionam (32%), enquanto que, as jovens não institucionalizadas gostavam de ter mais adultos significativos (40%).

Percepção dos ganhos inerentes à relação de amizade

Quanto às questões relacionadas com os ganhos (o que, normalmente, se recebe ao manter uma ligação recíproca) na relação, os resultados inscrevem-se na seguinte tabela:

	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2
5.1	-	8	-	4	37.5	40	54.2	48	8.3	-
5.2a	4	4	12	12	36	38	48	42	-	4
5.2b	13.6	4	13.6	12	35.4	56	31.8	28	4.5	-
5.2c	12.5	-	16.7	40	45.8	48	20.8	12	4.2	-
5.2d	13	-	13	4	56.5	80	8.7	16	8.7	-

5.3	4	-	-	-	28	50	68	46	-	4
5.4	-	4	25	24	45.8	48	20.8	20	8.3	4
5.5	28	8	20	32	36	52	-	4	16	4
5.6	24	4	24	40	36	44	4	-	12	12
6.1	-	-	-	8	47	64	49	28	4	-
6.2	-	-	4	-	50	56	46	44	-	-
7.2	36	4	20	8	28	64	-	20	16	4
7.3	24	4	24	36	36	44	4	16	12	-

Tabela 10: Percepção dos ganhos inerentes à de relação de amizade (%)

Assim, podemos evidenciar que, em ambos os grupos, a) - as adolescentes conferem importância à realização de atividades com os seus amigos (G1 - 54,2% G2 - 48%); b) - sentem-se compreendidas e apoiadas quer por adultos (G1 - 45,8% G2 - 48%), quer pelo seu grupo (G1 - 48% G2 - 42%); c) - consideram que as suas relações de amizade as ajudam a ser melhores (G1 - 68% G2 - 50%); d) - não vêem os amigos como reguladores de comportamento (G1 - 45,8% G2 - 48%); e) - não consideram que os amigos tenham mais conhecimentos (G1 - 36% G2 - 52%) ou bens financeiros (G1 - 36% G2 - 44%) que elas próprias, pelo que sentem necessidade de recorrer a outras pessoas; f) - admitem conhecer pessoas (G1 - 49% G2 - 64%) e sítios (G1 - 50% G2 - 56%) novos através do seu grupo, e g) - assumem confiar nos adultos com quem se relacionam (G1 - 36% G2 - 44%). Relativamente a confiarem nas pessoas que se incluem no seu grupo de amigos, as jovens institucionalizadas, tendem a não o fazer (36%), ao contrário das jovens não institucionalizadas (64%).

Percepção das exigências pessoais inerentes à relação de amizade

A tabela abaixo, compila os resultados acerca das exigências pessoais (o que a pessoa disponibiliza aos outros numa ligação recíproca) inerentes à relação:

	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2
8a	-	-	4	4	40	52	52	40	4	-
8b	8	-	-	-	16	48	76	52	-	-
8c	-	-	20	4	16	52	64	44	-	-
8d	4	-	4	4	36	52	52	44	4	-
8e	4	-	4	4	44	52	48	44	-	-

Tabela 11: Percepção das exigências pessoais inerentes à de relação de amizade (%)

Pelo que se pode comprovar, as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, assumem-se capazes de disponibilizar aos seus amigos, diversos tipos de apoio: companhia social na realização de tarefas (G1 - 52% G2 - 52%); apoio emocional (G1 - 76% G2 - 52%); aconselhamento e regulação (G1 - 64% G2 - 52%); mobilizar contactos e apoio técnico (G1 - 52% G2 - 52%); apoio material e instrumental (G1 - 48% G2 - 52%).

Características demográficas da relação

No que respeita as questões de caráter demográfico e suas implicações na dinâmica relacional, os resultados são expostos na tabela que se segue:

	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2	G1	G2
3.2	8	4	8	8	16	32	68	56	-	-
4.1	12	4	40	48	24	40	20	8	4	-
4.3	4	-	-	8	36	48	60	40	-	4
4.4	28	16	32	32	16	20	4	12	20	20
4.5	60	12	28	72	12	8	-	-	-	-
4.6	56	40	20	52	20	4	-	-	-	5
4.7	20	-	8	8	36	52	32	32	4	8

Tabela 12: Características demográficas da relação de amizade (%)

Pelo que se pode depreender das respostas dadas pelas adolescentes dos dois grupos, estas consideram que, a) - a distância não impede a manutenção de contactos (G1 - 68% G2 - 56%), e b) - diferenças nas características demográficas, tais como, idade (G1 - 40% G2 - 48%), sexo (G1 - 60% G2 - 48%), nível de escolaridade (G1 - 60% G2 - 72%), condições sócio-económicas (G1 - 56% G2 - 52%), crenças, valores e ideias (G1 - 36% G2 - 52%), não são fatores que interferem na criação e manutenção saudável de uma relação de amizade.

Capítulo VI - Discussão de resultados

Caracterização das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas.

As redes sociais pessoais das jovens institucionalizadas caracterizam-se por serem de dimensão média, compostas, maioritariamente, por familiares, seguido dos amigos, profissionais da instituição e em muito pequena escala (apenas 1 jovem menciona) por vizinhos, a distribuição por quadrante indica que, por norma, as jovens colocaram os seus significativos em dois quadrantes e no máximo em quatro. No que se refere à densidade, as redes sociais pessoais destas jovens tendem a ser coesas (existência de várias interligações entre os membros que compõe a rede, independentemente do quadrante em que se insere), pese embora a distância geográfica que separa os membros da rede da pessoa focal (dispersão), seja, maioritariamente de cerca de 50 Km. Contrapondo esta informação com o postulado na literatura, podemos verificar que, em termos de tamanho, estes dados vão de encontro às conclusões auferidas noutros estudos (Bravo e Del Valle, 2003; Mendes, 2010), as redes de tamanho intermédio, indicam uma maior eficácia das relações, uma vez que permitem um equilíbrio entre a sobrecarga das redes pequenas e a desresponsabilização das redes grandes (Alarcão e Sousa, 2007). Relativamente à

composição das redes, podemos afirmar que os dados não estão em concordância com o que está documentado na literatura, uma vez que a família aparece como categoria mais mencionada em detrimento dos amigos e os profissionais da instituição apenas são referidos por 8 das 25 jovens. Esta situação pode ser melhor explicada pelo carácter distante que pode caracterizar a relação do jovem com o técnico (Siqueira *et al*, 2009) ou por o primeiro considerar o segundo como um amigo e não apenas profissional (Bravo & Del Valle, 2003), em relação à família, estes resultados podem descender da visão idealizada, que estes jovens fazem da família. As redes coesas, normalmente, indicam um maior controlo e pressão (Alarcão e Sousa, 2007), que neste caso específico, pode ser entendido, pelas dinâmicas do próprio contexto institucional, isto é, normalmente o jovem cria laços de amizade com aqueles com quem partilha a casa, que por sua vez conhecem os técnicos, que por força das visitas e outras disposições legais, conhecem os familiares do jovem.

Relativamente às características funcionais da rede, ou seja, a perceção de apoio recebido, os resultados indicam que as jovens institucionalizadas, no geral, percebem os membros da sua rede como agentes eficazes de prestação de apoio, com exceção do apoio técnico, que é percebido na globalidade, como inexistente, sendo apenas facultado a níveis suficientes pelos profissionais da instituição. Também no caso dos amigos, o apoio financeiro não é percebido como eficaz. Esta informação coaduna-se com o documentado na literatura, uma vez que os jovens institucionalizados, tendencialmente, percebem as suas pessoas significativas como fornecedoras de apoio (Siqueira *et al*, 2009; Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Ainda na linha da prestação de apoio, as redes sociais pessoais das jovens institucionalizadas, revelam que em relação à multidimensionalidade (variedade e quantidade de apoios disponibilizados por cada membro da rede), os membros da sua rede proporcionam vários apoios em simultâneo. No que respeita à reciprocidade, as jovens avaliam-se como estando capazes de proporcionar apoio aos significativos, com exceção dos profissionais da instituição, a quem as jovens admitem, na maioria, não dar apoio. Não obstante esta situação, estes dados vão de encontro à literatura, que afirma que, motivados por sentimentos de pertença e confiança, os jovens respondem à receção de apoio de forma mútua com os seus significativos (Mota & Matos, 2008). Por fim, em relação à frequência de contactos, que estes jovens estabelecem com os membros da sua rede, a maioria é de carácter diário, com exceção da família, com que mantêm contactos a uma cadência semanal.

Caracterização das redes sociais pessoais de jovens não institucionalizadas.

As redes sociais pessoais das jovens não institucionalizadas caracterizam-se por serem de dimensão pequena, compostas por amigos, seguido dos familiares, pessoas

afetas a instituições (professores, treinadores) e em pequena percentagem, colegas e vizinhos, as jovens distribuem os membros da sua rede no mínimo num dos quadrantes e no máximo em quatro. No que se refere à densidade, as redes sociais pessoais destas jovens tendem a ser coesas (existência de várias interligações entre os membros que compõe a rede, independentemente do quadrante em que se insere), e a distância geográfica que separa os membros da rede da pessoa focal (dispersão), cinge-se, na maioria à mesma cidade, sendo que como era de esperar são os familiares que distam menos distância em relação ao jovem. Fazendo o contraponto desta informação com o documentado na literatura, podemos verificar que, em termos de tamanho, estes dados não vão de encontro às conclusões auferidas noutros estudos (Bravo & Del Valle, 2003), normalmente as redes destes jovens, à semelhança da dos jovens institucionalizados, costumam ser médias. Esta disparidade de resultados, pode ser melhor explicada por questões metodológicas inerentes a esta investigação, uma vez que a recolha de dados foi efetuada antes dos treinos destas jovens, o que pode ser indicador de falta de concentração para a tarefa. Relativamente à composição das redes, podemos afirmar que os dados estão de acordo com o que está fundamentado na literatura, uma vez que os amigos aparecem como categoria mais mencionada em detrimento dos familiares, verificando-se a tendência de afastamento à família e aproximação ao grupo de amigos, próprios da adolescência (Gnaulati & Heine, 2001).

Quanto às características funcionais da rede, ou seja, a perceção de apoio recebido, os resultados indicam que as jovens não institucionalizadas, no geral, percebem os membros da sua rede como agentes eficazes de prestação de apoio, com exceção do apoio técnico e instrumental, que é percebido na globalidade, como inexistente, sendo apenas facultado a níveis suficientes pelos familiares. Relativamente aos amigos, o apoio financeiro não é percebido como eficaz e a regulação social é tida como insuficiente. No caso da família, esta é percebida como, totalmente, eficaz na prestação de apoio. Esta informação corrobora o documentado na literatura, uma vez que os jovens não institucionalizados, por norma, percebem as suas pessoas significativas como fornecedoras de apoio, principalmente a figura materna (Bravo & Del Valle, 2003).

Relativamente à multidimensionalidade (variedade e quantidade de apoios disponibilizados por cada membro da rede), os dados revelam que os membros da rede das jovens não institucionalizadas, proporcionam vários apoios em simultâneo. No que respeita à reciprocidade, as jovens avaliam-se como estando capazes de proporcionar apoio a todos os membros da rede, estes dados coadunam-se com a literatura, que atribui aos sentimentos de pertença e confiança que os jovens sentem, para justificar a mutualidade relacional (Mota & Matos, 2008). Por fim, em relação à frequência de contactos, que estes

jovens estabelecem com os membros da sua rede, a maioria é, como seria de esperar, de carácter diário.

Comparação das redes sociais pessoais de jovens institucionalizadas e não institucionalizadas.

Um dos objectivos desta dissertação é auscultar acerca das diferenças das redes sociais pessoais das jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, a fim de se perceber o impacto do acolhimento no desenvolvimento social dos primeiros.

Comparando os resultados gerais das duas redes, concluiu-se que apenas existem diferenças substanciais ao nível do tamanho e da dispersão. Sendo que, em ambas as dimensões, as jovens institucionalizadas apontam valores maiores. Relativamente ao tamanho, e dado que a literatura aponta para que haja uma tendência para que as redes sociais pessoais de jovens institucionalizados e não institucionalizados, tenham uma dimensão equivalente (Bravo & Del Valle, 2003), esta diferença pode ser explicada, como já referido, por questões metodológicas, que possam ter enviesado os resultados. As diferenças verificadas em termos de dispersão, podem ser melhor explicadas, pelo facto dos jovens institucionalizados, serem por vezes, colocados em locais longe da sua residência de origem e pelas próprias regras de funcionamento das Instituições, que por serem, muitas vezes fechadas, promovem o isolamento destes jovens, o que pode influenciar negativamente e até restringir o acesso e o contacto com o contexto social alargado (Martins, 2005). Outras dimensões que diferem de um grupo para o outro, são o apoio emocional e a multidimensionalidade, muito embora sejam diferenças marginalmente significativas. No caso do apoio emocional, as jovens não institucionalizadas percebem-no como mais eficaz, este aspecto, foi documentado por Bravo & Del Valle (2003), que concluíram que os jovens institucionalizados percebem o apoio recebido de forma, tendencialmente, menos eficaz que os jovens não institucionalizados. Quanto à multidimensionalidade, os dados revelam que os membros da rede das jovens não institucionalizadas, são descritos como disponibilizando mais apoios em simultâneo, este resultado pode ser explicado, pela maior facilidade de acesso a profissionais e técnicos nas Instituições.

Relativamente ao quadrante Amizades em específico, também foram poucas as diferenças encontradas entre os dois grupos. Deste modo, e seguindo a tendência da rede no seu todo, apenas surgiram diferenças ao nível do tamanho, da dispersão e da dimensão de regulação social. No que respeita o tamanho, as jovens institucionalizadas revelam um número de amigos ligeiramente maior, pese embora também relatem valores mais altos de dispersão com o grupo de amigos, estes resultados podem ser melhor explicados se atendermos ao facto de que, por vezes, estas jovens são colocadas em Instituições longe da

sua cidade de origem, o que leva a um afastamento dos amigos e por as Instituições poderem interferir na liberdade pessoal dos jovens (Cavalcante *et al*, 2007), o que pode interpor-se com os contactos com o grupo de amigos. Quanto à regulação social, esta dimensão, enquanto tarefa dos amigos, é mais reconhecida pelas jovens institucionalizadas.

Questionário de avaliação da relação com os amigos

Relativamente à avaliação da satisfação com a relação de amizade, os dados demonstram, que no geral, tanto as jovens institucionalizadas como as não institucionalizadas, fazem uma apreciação positiva da mesma. Analisando, cuidadosamente a opinião emitida pelas adolescentes e estabelecendo-se o paralelismo entre as restantes conclusões efetuadas, pode-se verificar que, muito embora as redes destas jovens sejam coesas, ambos os grupos admitem que gostavam que os membros da sua rede, e os amigos em concreto se conhecessem melhor entre si. Por outro lado, o tempo despendido com os amigos, a manutenção e frequência de contactos e o número de amigos que constituem o grupo, são aspetos avaliados como satisfatórios pelas jovens. O facto, das jovens admitirem que gostavam de ter mais amigos, pode estar relacionado com a necessidade constante dos adolescentes, se envolverem em relações interpessoais (Tomé, 2011). Acrescendo a estes resultados, os dados sobre o tipo de relação que estes jovens possuem com os seus amigos, pelo seu carácter positivo, reforça a ideia de satisfação patente na análise.

Quanto à dinâmica relacional, podemos afirmar que a mesma parece pautar-se por princípios de ajuda mútua e de perceção adequada de apoio percebido e fornecido, novamente, as conceções efetuadas a este nível, coadunam-se com os resultados conseguidos através do IARSP-R, de multidimensionalidade e reciprocidade. No que respeita às exigências pessoais inerentes à relação de amizade, as jovens de ambos os grupos, avaliam-se como capazes de fornecer apoio ao seu grupo de amigos, dados estes que já tinham emergido, aquando da caracterização do quadrante Amizades em específico. Relativamente à perceção dos ganhos inerentes à relação, as jovens consideram o seu grupo de amigos como capazes de fornecer apoios conferindo-lhes efetividade nessa competência. Mais uma vez, correlacionando os dados, percebe-se que os apoios, financeiro, técnico e instrumental, são percebidos como insuficientes ou inexistentes, no entanto, aspetos mais relacionados com o apoio emocional, aconselhamento, acesso a novos contactos e companhia social, são, transversalmente, avaliados ao nível do suficiente.

Por fim, no que diz respeito às questões demográficas da relação, a opinião das jovens, tanto institucionalizadas como não institucionalizadas, apontam para uma predominância da heterogeneidade da relação. Mesmo que as características de idade e sexo do quadrante amizades, imprimam um carácter homogéneo à relação existente em

ambos os grupos, as jovens não avaliam as diferenças sócio demográficas como impedimentos ou constrangimentos para a manutenção de uma relação de amizade.

Capítulo VII - Conclusão

O estudo das redes sociais pessoais dos jovens institucionalizados é uma temática que tem vindo a ganhar visibilidade no seio da investigação em Psicologia. Sendo o acolhimento residencial um assunto de extrema importância, dado estar intimamente relacionado com o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens em risco, neste sentido, torna-se perene desenvolverem-se estudos, em várias áreas, que permitam aprofundar o conhecimento acerca deste contexto, de modo a ser mais fácil intervir e solucionar possíveis fragilidades, potenciando os aspetos positivos já alcançados.

Assim, este estudo permite, de uma forma exploratória (pela amostra reduzida), concluir acerca da realidade institucional aliada ao desenvolvimento social e relacional, de modo a se poder detetar constrangimentos que coloquem entraves à evolução normativa desta dimensão, procurando-se no mesmo sentido, aspetos que possam potenciar a promoção da normalidade do desenvolvimento destes jovens, em geral e na vertente social em específico.

Os resultados principais desta dissertação, imprimem um carácter de equidade na dimensão social entre as jovens institucionalizadas e não institucionalizadas, o que pode significar que as diretrizes para promoção da socialização, que teoricamente estão inerentes ao contexto residencial, começam a ter visibilidade na prática. No entanto, as fragilidades inerentes a este trabalho, nomeadamente, a amostra reduzida e falta de estudos empíricos numa direção comparativa, impedem que se possa efetuar uma conclusão que possa ser generalizada a toda a população acolhida.

Em Portugal existem muito pouco estudos que concluam acerca desta realidade, no entanto é reconhecida a importância da necessidade de proliferação de investigação nesta área que permita um maior conhecimento e melhoria do funcionamento das instituições de promoção e proteção de jovens. Neste sentido, investigações futuras podem incidir sobre o impacto da qualidade das redes sociais pessoais na adaptação à institucionalização e a importância das redes sociais pessoais no período pós-institucionalização. Será também interessante, proceder-se a uma análise das redes sociais pessoais de jovens institucionalizados a nível global, de forma a conseguir-se uma visão precisa da realidade institucional no que se relaciona com o desenvolvimento social.

Bibliografia

- Abreu, S. (2008). *A saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico*. Dissertação de Doutoramento em Saúde Mental, Universidade do Porto, Instituto De Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psychologica*, pp. 353-376.
- Alberto, I. (2002). "Como pássaros em gaiolas?" Reflexões em torno do acolhimento de menores em risco. In C. Machado, & R. Gonçalves, *Violência e Vítimas de Crimes* (Vol. 2, pp. 223-244). Coimbra: Quarteto.
- Antunes, C. & Fontaine, A. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: Análise fatorial confirmatória da escala social support appraisals. *Paidéia*, 15(32), pp. 355-366.
- Armstrong, M., Birnie-Lefcovich, S. & Ungar, M. (2005). Pathways between social support, quality of parenting and child resilience: A transactional model. *Journal of Family and Child Studies*, 14(2), pp. 269-281.
- Barrera, M. & Li, S. (1996). The relation of family support to adolescents' psychological distress and behavior problems. In G. Pierce, B. Sarason, & I. Sarason, *Handbook of Social Support and the Family* (pp. 313-343). New York: Plenum Press.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Attachment*. London: Basic Books.
- Bravo, A. & Del Valle, F. (2001). Evaluación de la integración social en acogimiento residencial. *Psicothema*, 13(2), pp. 197-204.
- Bravo, A. & Del Valle, F. (2003). Las redes de apoyo social de los adolescentes en residencias de protección. Un análisis comparativo com población normativa. *Psicothema*, 15(1), pp. 136-142.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: Implicações nas Perturbações Emocionais e Comportamentais no início da Adolescência*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Cavalcante, L., Magalhães, C., & Pontes, F. (2007). Abrigo para crianças de 0 aos 6 anos: um olhar sobre as diferentes concepções e suas interfaces. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7(2), pp. 329-352.
- Costa, M. (2004). The development of intimacy during adolescence. *IX Conference of the Association for Research on Adolescence*. Porto, Portugal.
- Csikszentmihalyi, M. & Larson, R. (1984). *Being adolescent*. Nova Iorque: Basic Books.
- Del Valle, J. & Bravo, A. (2000). Estructura y dimensiones de apoyo en la red social de 10s adolescentes. *Anuario de Psicología*, 31(2), pp. 87-105.
- Diário da República. (1999). Lei nº 147/99, de 1 de setembro. *Diário da República - I Série A*,

- Eccles, J., Wigfield, A. & Byrnes, J. (2003). Cognitive development in adolescence. In R. E. Lerner, *Handbook of Psychology* (Vol. Volume 6 Developmental Psychology, pp. 325-351). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Emond, R. (2002). Understanding the resident group. *Scottish Journal of Residential Child Care*, 1, pp. 30-40.
- Galambos, N. & Costigan, C. (2003). Emotional and Personality development in adolescence. In R. Lerner, M. Easterbrooks, & J. Mistry, *Handbook of Psychology* (Vol. 6 Developmental Psychology, pp. 351-373). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Gnaulati, E. & Heine, B. J. (2001). Separation-individuation in late adolescence: an investigation of gender and ethnic differences. *Journal of Psychology*, 135(1), pp. 59-70.
- Goswami, H. (2011). Social relationships and children's subjective well-being. *Social Indicators Research*, 107(3), pp. 575-588.
- Guadalupe, S. (2001). Intervenção em Rede e Doença Mental. *Comunicação apresentada no II Encontro de Serviço Social em Saúde Mental*. Coimbra: Hospital Sobral Cid.
- Guadalupe, S. (2008). *A Saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico*. Dissertação de Doutoramento em Saúde Mental, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Guédon, M. (1984). Les réseaux sociaux. In C. Borden, & R. Rousseau, *L'intervention de réseaux - une pratique nouvelle* (pp. 16-33). Montréal: Éditions France-Amérique.
- Gunnar, M.; Bruce, J. & Grotevant, H. (2000). International adoption of institutionally reared children: research and policy. *Development and Psychopathology*, 12 (1), pp. 677-693.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), pp. 511-524.
- Keating, D. (2004). Cognitive and Brain Development. In R. & Lerner, *Handbook of Adolescent Psychology* (2^a ed., pp. 45-85). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Kim, J., Rapee, R., Oh, K. & Moon, H. (2008). Retrospective report of social withdrawal during adolescence and current maladjustment in young adulthood: Cross-cultural comparisons between Australian and South Korean students. *Journal of Adolescence*, 31, pp. 543-563.
- La Greca, A. & Harrison, H. (2005). Adolescent Peer Relations, Friendships, and Romantic Relationships: Do They Predict Social Anxiety and Depression? *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34(1), pp. 49-61.

- Martins, M. (2005). Condutas agressivas na adolescência: Factores de risco e protecção. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), pp. 129-135.
- Martins, P. (2004). *Protecção de Crianças e Jovens com Itinerários de Risco. Representações, Espaços e Modos*. Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Martins, P. (2005). O desenvolvimento pessoal e social da criança em contexto de vida institucional – elementos para uma análise da ecologia da interpersonalidade. *Encontro Inadaptação Social – "Inadaptação Social: transformações, intervenção e avaliação"*.
- Martins, P. (2005a). A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens. *Intervenção realizada no VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em risco: será possível converter o risco em oportunidade?* Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, P. & Costa, M. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. Lisboa: Edições Colibri.
- Matos, P. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Universidade do Porto.
- Mendes, E. (2011). *Redes Sociais Pessoais e Percepção da Qualidade de Vida das Crianças e Jovens Institucionalizados – O papel das Famílias Amigas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça não publicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Moré, C., & Sperancetta, A. (2010). Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, 22 (3), pp. 519-528.
- Moreira, P. & Melo, A. (2005). *Saúde mental - Do tratamento à prevenção*. Porto: Porto Editora.
- Mota, C. & Matos, P. (2008). Adolescentes e Institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia e Sociedade*, 20(3), pp. 367-377.
- Nickerson, A. B. & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, pp. 223 –249.
- Nunes, A. (2010). *Auto-conceito e Suporte social em adolescentes em acolhimento institucional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde não publicada, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Nunes, M. (2005). Apoio Social no Diabetes. *Revista Millenium*, 31, pp. 135-149.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldmans, R. (2001). *O Mundo da Criança* (8ª Ed ed.). Lisboa: McGraw-Hill.

- Parente, C. (2011). *As redes sociais pessoais de jovens institucionalizados – o papel das instituições*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça não publicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Pruchno, R. & Rosenbaum, J. (2003). Social Relationships in Adulthood and Old Age. In I. Weiner, *Handbook of Psychology* (Vol. 6, pp. 513-533). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Roda, A. & Moreno, E. (2001). Estructura social, apoyo social y salud mental. *Psicothema*, 13(1), pp. 17-23.
- Siqueira, A. (2006). *Instituição de abrigo, família e redes de apoio social e afetivo em transições ecológicas na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Siqueira, A. C. & Dell’Aglío, D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência, uma revisão da literatura. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), pp. 71-80.
- Siqueira, A. C. & Dell’Aglío, D. (2010). Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), pp. 407-405.
- Siqueira, A., Betts, M. & Dell’Aglío, D. (2006). A Rede de Apoio Social e Afetivo de Adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(2), pp. 149-158.
- Siqueira, A., Tubino, C., Scharz, C., & Dalbosco, D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1(61), pp. 176-190.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red Social: Frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Gedisa.
- Smetna, J., Barr, N. & Metzger, A. (2005). Adolescent Development in Interpersonal and Societal Contexts. *Annual Reviews of Psychology*, 57, pp. 255-284.
- Smith, M.E. & Brownell, C.A. (2003). Childhood peer relationships: social acceptance, friendship and peer network. *Journal of School Psychology*, 41(4), pp. 235-284.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da Teoria e da Investigação da vinculação . In I. Soares, *Relação da vinculação ao longo do desenvolvimento, teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Speck, R. & Attneve, C. (1990). *Redes Familiares*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (1994). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Thompson, R., Easterbrooks, M. & Padilla-Walker, L. (2003). Social and Emotional Development in Infancy. In I. Weiner, *Handbook of Psychology* (Vol. 6, pp. 91-112). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Tomé, G. (2011). *Grupo de Pares, Comportamentos de risco e a Saúde dos Adolescentes Portugueses*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Wellman, B. (1981). Applying network analysis to the study of support . In B. Wellman, *Social network analysis and social support* (pp. 171-200). Beverly Hills: Sage Publications.